

revista



mensal | fevereiro de 2022 | n° 8 | ano 28 | [f](https://www.facebook.com/sescsp) [i](https://www.instagram.com/sescsp) [yt](https://www.youtube.com/sescsp) revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

REINVENTAR-SE É PRECISO – O CANTO DA CIDADE – RAIO QUE O PARTA – MÚSICA MODERNISTA – LAZER NA AGENDA – ANNATERESA FABRIS – POSITIVIDADE TÓXICA – MARIANA SALOMÃO CARRARA – FERNANDO YAMAMOTO – JAIR DE SOUZA MOREIRA JÚNIOR





diversos

22

projetos memórias
conexões

Reflexões críticas sobre o
Centenário da Semana
de Arte Moderna de 1922
e o Bicentenário da
Independência do Brasil (1822).

FESTIVAL

Refestália

Durante quatro dias, o festival contempla música, teatro, literatura, performances, oficinas e bate-papos, com programações em diversas regiões da cidade, questionando as denominações centro-periferia, periferia-centro.

DE 17 A 20 DE FEVEREIRO

24 de Maio | Bom Retiro | Campo Limpo | Carmo | Consolação Interlagos | Itaquera | Ipiranga

EXPOSIÇÃO

Raio-que-o-parta: ficções do moderno no Brasil

A exposição reflete sobre a noção de “arte moderna” no Brasil para além da década de 1920 e do protagonismo muitas vezes atribuído pela história da arte a São Paulo. São reunidas obras de um arco temporal que vai do final do século XIX a meados do século XX, de artistas que desenvolveram suas pesquisas em diversos estados brasileiros.

Curadoria-geral: Raphael Fonseca. Curadoria: Aldrin Figueiredo, Clarissa Diniz, Divino Sobral, Marcelo Campos, Paula Ramos. Consultoria: Fernanda Pitta.

DE 16 DE FEVEREIRO A 07 DE AGOSTO

24 de Maio

Acompanhe a programação completa:
sescsp.org.br/diversos22



Arquipélago de Mariuá, Amazonas, 2019. Foto: © Sebastião Salgado



A imagem que ilustra a capa desta edição é uma paisagem no arquipélago de Mariuá, Médio Rio Negro, no estado do Amazonas, pelas lentes de Sebastião Salgado. Trata-se de uma floresta de igapó, zonas frequentemente alagadas pelas águas escuras dos rios. A foto integra a exposição *Amazônia*, com abertura no dia 15 deste mês, no Sesc Pompeia, que reúne mais de 200 fotografias do premiado artista que retratam paisagens e a vida de comunidades indígenas. Idealizada pela curadora e cenógrafa Lélia Wanick Salgado, propõe uma imersão na floresta a partir de imagens em grande formato e um universo sonoro criado especialmente para a exposição pelo músico francês Jean-Michel Jarre a partir de sons originais da floresta tropical. Há ainda dois espaços com projeções de fotografias. Um deles mostra paisagens florestais musicadas pelo poema sinfônico “Erosão (Origem do Rio Amazonas)”, do compositor brasileiro Heitor Villa-Lobos (1887-1959). O outro revela retratos de indígenas, com uma composição original do músico Rodolfo Stroeter. Saiba mais em: www.sescsp.org.br/exposicoes.

Ação permanente em prol do bem-estar

Atuar na promoção do bem-estar dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, de seus familiares, bem como de toda a comunidade, está no cerne das ações do Sesc – Serviço Social do Comércio, desde sua criação, em 1946. Ao longo destas mais de sete décadas, inúmeros foram os desafios enfrentados pela sociedade, que exigiram resiliência e adaptações para a nova realidade que se apresentava a cada diferente momento, proporcionando, assim, melhorias e qualidade de vida, apesar das adversidades.

Trata-se de uma ação focada na emancipação dos sujeitos, no desenvolvimento integral do ser humano e na promoção de encontros com diferentes realidades e culturas, por meio de uma ação educativa não formal e permanente, realizada nos centros culturais e esportivos em todo estado e também nos meios digitais, algo intensificado nos últimos anos, com os avanços tecnológicos.

Ao garantir esforços e recursos humanos e financeiros para esta ação, o empresariado do setor, mantenedor do Sesc, reafirma seu compromisso na construção de uma sociedade cada vez mais justa, equilibrada e com oportunidades para todos.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

App Store Google Play

Download gratuito para Android e iOS

Arte para respirar

Para muito além da capacidade inexorável de nos fazer rir e chorar, as artes despertam emoções e nos conectam com diferentes tempos e espaços, deslocando-nos de nossos territórios e de nossos próprios eixos. Promovem estranhamentos e aproximações sem que isto nos pareça contraditório em si. Constroem nossa relação com o simbólico e, a partir dela, nossa própria identidade enquanto sujeitos únicos e enquanto um ser que existe coletivamente. Um ser que partilha, que coexiste, que constrói vínculos. As artes se fazem imprescindíveis, nos preenchem e nos transbordam, sendo hoje reconhecidamente um componente essencial de bem-estar. Quais as relações entre artes, cultura e a promoção de saúde? É o que procura responder a reportagem desta edição da **Revista E**, repercutindo os primeiros resultados da pesquisa *A reinvenção da vida e da saúde em tempos de pandemia – o lugar da cultura*, realizada pelo Sesc em parceria com a Faculdade de Medicina da USP.

Também nesta edição, o dramaturgo Fernando Yamamoto fala, em *Encontros*, dos trabalhos realizados pelo grupo Clowns de Shakespeare durante a pandemia. Em *Entrevista*, a historiadora Annateresa Fabris aborda as aproximações entre o Futurismo italiano e o Modernismo no Brasil. Em *Inéditos*, conto da escritora Mariana Salomão Carrara. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo



Adriana Vichi



Dani Santini



Heitor Villa-Lobos/Fotógrafo não identificado/
Domínio público

No **PERFIL**, para além das expressões nas artes plásticas e na literatura, a **MÚSICA** também viveu os impactos do movimento modernista

26



Genevieve Naylor. Sem título, 1941-42. Ampliação digital (cópia de exibição). Reznikoff/Artiste Partnership

Na **GRÁFICA**, exposição **RAIO-QUE-O-PARTA: FIÇÕES DO MODERNO NO BRASIL** apresenta a cena e o protagonismo artístico fora das fronteiras paulistas da Semana de 1922

32

Documentário: *Avé – Canto do Povo de Um Lugar* / Divulgação



Há três décadas o disco **O CANTO DA CIDADE**, de Daniela Mercury, projetou a axé music, consolidando-se na história da música brasileira

54

DOSSIÊ

7

EM PAUTA | POSITIVIDADE TÓXICA

58

ENCONTROS | FERNANDO YAMAMOTO

64

DEPOIMENTO | CAROLIN LUSBY

70

INÉDITOS | MARIANA SALOMÃO CARRARA

74

ALMANAQUE PAULISTANO

78

P.S. | JAIR DE SOUZA MOREIRA JÚNIOR

80

SUMÁRIO

Em **ENTREVISTA**, a historiadora e escritora **ANNATERESA FABRIS** traça aproximações e influências entre o Modernismo no Brasil e o Futurismo Italiano

10

A importância da arte e da cultura como ferramentas para reconstrução de novos modos de viver e de **PRODUZIR SAÚDE E BEM-ESTAR**

18

diversos

22

projetos memórias
conexões

TODA SEMANA

MÚSICA &
LITERATURA
NA SEMANA
DE ARTE
MODERNA

**DIREÇÃO MUSICAL DE CLAUDIO CRUZ.
PARTICIPAÇÕES DE CRISTIAN BUDU, HOMERO
VELHO, MÔNICA SALMASO, ENTRE OUTROS.
IDEALIZADO POR CLAUDIA TONI, CAMILA
FRESCA E FLAVIA CAMARGO TONI**

DISPONÍVEL EM
sescsp.org.br/todasemana



E NAS PLATAFORMAS



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja





Documentário “Olhando para as estrelas” (Brasil, 2017), que será exibido no dia 11/02.

DANÇAS SINGULARES

SESC TV EXIBE QUATRO DOCUMENTÁRIOS QUE DESTACAM A DIVERSIDADE DE CORPOS EM MOVIMENTO A PARTIR DESTES MÊS

A dança é protagonista da programação do SescTV em fevereiro. Neste mês serão exibidos quatro documentários brasileiros dedicados a diferentes perspectivas sociais, históricas e culturais desta linguagem artística. “Por meio dessa programação, propomos um olhar ampliado para corpos que dançam e expressam suas singularidades a partir de vivências pessoais e culturais diversas, de modo a evidenciar a presença cotidiana da dança enquanto experiência cultural comum”, destaca Moara Zahra Iak, programadora do SescTV.

No dia 4/02, o documentário *Marambiré* (2017) faz um recorte das manifestações da cultura popular no Norte do País e mostra festejos realizados anualmente na Comunidade Quilombo do Pacoval, no estado do Pará, em celebração a São Benedito. No dia 11/02, *Olhando para as Estrelas* (2017) conta a história de uma professora de balé clássico e de sua aluna com deficiência visual que ensaia na Associação Fernanda Bianchini, no bairro Vila Mariana da cidade de São Paulo.

Outra estreia, dia 18/02, é o filme *Na Dança! Doc* (2019), que faz um registro de encontros e trocas entre artistas estrangeiros que chegaram à capital paulista nos recentes fluxos migratórios. Por fim, *Danças Negras* (2020), no dia 25/02, propõe um debate sobre a presença e a difusão da cultura afro-brasileira na contemporaneidade. Além destas estreias, o SescTV disponibilizará sob demanda mais de 70 títulos do acervo do canal. São espetáculos, reflexões e experiências para além dos palcos.

Confira horários e mais informações em: www.sescsp.org.br/sescstv.

POR MEIO DESSA
PROGRAMAÇÃO,
PROPOMOS UM OLHAR
AMPLIADO PARA
CORPOS QUE DANÇAM
E EXPRESSAM SUAS
SINGULARIDADES A PARTIR
DE VIVÊNCIAS PESSOAIS E
CULTURAIS DIVERSAS

MOARA ZAHRA IAK,
Programadora do SescTV

CINEMA NEGRO EM FOCO

Até o dia 9 de fevereiro, o Sesc São Paulo realiza a mostra *OJU – Roda Sesc de Cinemas Negros*, que busca destacar a produção de realizadores negros e negras do país e ampliar a divulgação e o acesso a diversas criações, formatos e pensamentos sobre as questões raciais. A programação reúne sessões presenciais no CineSesc e virtuais gratuitas na plataforma Sesc Digital, com apresentação de curtas, médias e longas-metragens nacionais, além de discussões, cursos e oficinas online. Confira a programação completa da mostra em: www.sescsp.org.br/cinemasnegros. E assista ao acervo digital sob demanda: www.sescsp.org.br/oju.



Divulgação

“Inabitáveis”, curta-metragem de Anderson Bardot é um dos destaques da programação.

LEITURA EM DIA

Três lançamentos das Edições Sesc podem render boas horas de leitura no seu ano. Em *Próximo Passo: Adolescência* (2021), o coreógrafo e dançarino Ivaldo Bertazzo se concentra nessa fase de transição e descobertas tão importante para o desenvolvimento humano. A partir de uma linguagem didática, o livro tem recursos audiovisuais como ilustrações de exercícios e vídeos acessíveis por QR code. Já *Oswaldo Corrêa Gonçalves: Arquiteto Cidadão* (2021), organizado por Gino Caldato Barbosa e Ruy Eduardo Debs Franco, costura vida e obra do personagem-título, que se notabilizou por projetos de residências, edificações esportivas, escolas e instituições como as primeiras unidades do Sesc e do Senac. Outra sugestão é *Ligeiro deslocamento do real* (2021), no qual Andréa Caruso Saturnino investiga as novas formas do fazer teatral. Saiba mais: www.sescsp.org.br/edicoes.



Dainir Ribeiro Lima

Denise de Paula e Nair Tereza de Paula David (Acadêmicos de Vila Gerty).

ABECEDÁRIO DO SAMBA

As unidades do Sesc Santo André e São Caetano lançam o projeto *No ABC do Samba*, uma websérie de quatro episódios (15 minutos cada) que apresenta a história do samba nessas duas cidades do ABC Paulista. Por meio de depoimentos de personagens representativos das escolas de samba locais, o documentário busca registrar a contribuição artística, cultural e social que as agremiações carnavalescas proporcionam para a manutenção da memória do gênero, fundamentando as relações das comunidades com a ancestralidade africana. O recorte é voltado para o protagonismo negro na construção e evolução das cidades e pretende que as novas gerações conheçam e se identifiquem com essas histórias. Mais informações: sesc.digital.

é voltado para o protagonismo negro na construção e evolução das cidades e pretende que as novas gerações conheçam e se identifiquem com essas histórias. Mais informações: sesc.digital.



Imagens: Divulgação





Aline Motta

Em cartaz no Sesc Pinheiros até 24 de abril, a exposição *Estamos Aqui* reúne 40 trabalhos de artistas e coletivos da cena independente. Com curadoria de Thaís Rivitti e organização do Ateliê397, a mostra parte do desafio de reutilizar materiais de exposições anteriores realizadas pelo Sesc São Paulo. Questões urbanísticas, sociais e históricas dão a tônica dos trabalhos, como a obra “Filha Natural”, da artista Aline Motta (foto). Saiba mais e programe sua visita: www.sescsp.org.br/exposicoes.

Instituto Janeth Arcain/Divulgação



SESC VERÃO

A programação do Sesc Verão deste mês conta com diversas atividades nas unidades do Sesc São Paulo. Em Bertoga, haverá vivência de surfe para as crianças no dia 1º/2. Já no Sesc Campinas, dia 5/2 está programado um passeio de bicicleta com o guia e fotógrafo Walter Magalhães. Em Guarulhos, no dia 12/2, haverá um encontro com as estrelas do basquete feminino Janeth Arcain e Helen Luz. Entre os destaques na capital está o bate-papo *A Pluralidade do Lazer Levado a Sério no Futebol*, com a vice-campeã mundial e olímpica de futebol Cristiane Rozeira, o escritor e produtor cultural Sérgio Vaz e o cantor e ator Paulo Miklos, no Sesc Campo Limpo, dia 5/2. Confira outros destaques da programação: informações: www.sescsp.org.br/sescverao.



PASSAGEM FUTURISTA

INFLUENCIADO PELO MOVIMENTO ARTÍSTICO DE MILÃO E FLORENÇA,
O MODERNISMO BRASILEIRO DESENHOU SEU PRÓPRIO PERCURSO
A PARTIR DE 1920

Permita-se dar alguns passos para trás. Assim, a partir de uma certa distância, será possível enxergar o quadro como um todo: ver suas bordas, nuances, detalhes que parecem embaçados pela proximidade do olhar. É este o convite que a historiadora Annateresa Fabris nos faz em *O Futurismo Paulista* (1994), obra que ficou em segundo lugar na categoria Ciências Humanas na 37ª edição do Prêmio Jabuti. Depois de 22 anos de sua primeira edição, o livro da pesquisadora e professora titular aposentada da Universidade de São Paulo (USP) aponta para uma importante direção trilhada pelos modernistas de São Paulo de 1920 a 1928. A obra delinea a influência exercida por artistas de Milão e Florença, como Filippo Tommaso Marinetti, fundador do futurismo – uma das vertentes das vanguardas artísticas do século 20 que começou com um movimento na Itália, em 1909. De forte tônica nacionalista, o futurismo rompia com tradições do passado e valorizava os avanços industriais, a velocidade e o automóvel, influenciando os jovens Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti Del Picchia na década de 1920. No ano e no exato mês em que se celebra o centenário da Semana de Arte Moderna, é importante reconhecer os bastidores que culminaram na realização da Semana, como os efeitos provocados pelo futurismo italiano, a fim de compreender os consequentes desdobramentos da arte pensada e produzida no Brasil desde então.

O que o modernismo brasileiro herda do futurismo italiano?

Eu acho que o futurismo de Marinetti, portanto o futurismo do grupo de Milão, está presente, sobretudo, no plano estratégico. O exemplo das noitadas futuristas, que congregam diferentes formas de arte, de maneira provocadora, no grande templo da burguesia que é o teatro, está na base da Semana de Arte Moderna, por exemplo. Reunir uma série de manifestações chamadas modernas, mesmo que elas não sejam de todo modernas – e acho que os artistas têm consciência disso, assim como os futuristas tinham consciência disso – significava criar uma atmosfera de enfrentamento com o público. Também a encomenda da vaia por Oswald de Andrade – como afirmam alguns autores – faz parte dessa estratégia, pois Marinetti contratava um grupo de pessoas para vaia e um outro grupo para aplaudir, de maneira a criar um clima de tensão e até mesmo choques físicos que, muitas vezes, acabavam com a intervenção da polícia dentro do teatro. Então, quando se fala que Oswald de Andrade teria contratado estudantes de Direito para vaia, a intenção era criar um clima de conflito a fim de mostrar a diferença entre a arte moderna e o passadismo.

Essa influência do futurismo italiano também está presente em outros aspectos da Semana de Arte Moderna?

Parece-me que Marinetti também está presente, num primeiro momento, na exaltação da civilização industrial e, sobretudo, da metrópole. Mas, como nós não tivemos uma Revolução Industrial de porte, os modernistas tinham certa dificuldade em lidar com rupturas radicais. E nisso entra o diálogo com o grupo de Florença, que quer modernizar a Itália, mas não de maneira tão radical, como propunha Marinetti. Antes, precisamos fazer uma diferença entre Florença e Milão. Milão é uma capital industrial, é a grande cidade moderna italiana; enquanto Florença, apesar de todo um passado glorioso, era uma cidade de província. O grupo de Florença quer modernizar o país, mas não quer romper totalmente com a tradição porque reconhece o legado do passado. Isso faz com

A IMPRENSA É UMA CAIXA DE RESSONÂNCIA PARA AS IDEIAS MODERNISTAS

que esse grupo não espouse radicalmente a tábula rasa do passado que Marinetti propunha. Mas é necessário esclarecer: quando Marinetti fala em “incendiar museus e bibliotecas”, está usando uma metáfora. Ele não pretendia incendiar fisicamente esses espaços, ele queria chamar a atenção para a necessidade de renovar a cultura italiana. O mesmo acontece com Ardengo Soffici, que é o principal defensor da arte moderna naquele momento, e com o qual os milaneses querem fazer uma aliança. Em alguns artigos publicados em 1912, ele prega “a inundação do Louvre”: que as águas do Sena entrem no museu e arrastem todos aqueles quadros do passado, que tolhem a vitalidade das novas gerações. Evidentemente, trata-se, mais uma vez, de uma ideia metafórica, mas de todo modo, ela mostra a necessidade de renovação que os jovens artistas e intelectuais italianos sentiam no começo do século 20. Num primeiro momento, a relação dos florentinos e milaneses é bastante complicada; aliás, ela se resolve graças a um choque físico em 1911. Em junho de 1911, Soffici havia escrito um artigo contra a exposição de Arte Livre e Pintura Futurista e os futuristas, para se vingarem, partem para Florença numa chamada “expedição punitiva”. Os dois grupos se socam em duas ocasiões e na delegacia de polícia, finalmente, começam a costurar um acordo. Desse acordo vai resultar, depois, o ingresso dos futuristas na revista *Lacerba*, que é o órgão principal do grupo de Florença.

Qual a importância da revista *Lacerba*?

Trata-se de uma revista fundada em janeiro de 1913, da qual os futuristas participam durante um ano: publicam manifestos e artigos, um atrás do outro, que são acolhidos sem muitos problemas. Até que, em fevereiro-março de 1914, acaba acontecendo o embate entre o pintor Umberto Boccioni e o escritor florentino Giovanni Papini, motivado pelo ingresso de elementos reais nas

obras de arte. Papini era contrário ao uso desses elementos nas obras de arte e, por isso, polemiza com as colagens e com certas experiências que os futuristas faziam com materiais reais. Esse embate começa a mostrar publicamente que existiam concepções de arte divergentes no aparente grupo até que, em fevereiro de 1915, os florentinos se dissociam dos milaneses e se proclamam “futuristas”. Desse modo, transformam os milaneses em marinettistas, denunciando o marinettismo como algo negativo e superficial. Por sua vez, o futurismo, isto é, o grupo de Florença, deveria ser entendido como portador do verdadeiro significado da modernidade. Em agosto de 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, *Lacerba* se transforma numa revista política e deixa finalmente de circular em maio de 1915, quando a Itália ingressa no conflito. Toda essa discussão entre os dois grupos era conhecida pelos modernistas de São Paulo, sobretudo através do livro *A experiência futurista* (1919), de Papini, que circulou na cidade; ele estava presente, por exemplo, na biblioteca de Mário de Andrade. A partir das anotações feitas por ele em seu exemplar e de tomadas de posição em artigos, percebe-se como Mário de Andrade dialoga com essas ideias, apesar de o grande divulgador público das ideias futuristas ter sido Menotti Del Picchia.

Tanto que, na Semana de Arte Moderna, Menotti Del Picchia exalta o futurismo.

Antes disso, na coluna que tinha no *Correio Paulistano*, Menotti escreve tanto sobre Marinetti quanto sobre as ideias de Soffici e divulga alguns poetas futuristas também. Ele publica um trecho de um poema de Marinetti e os poemas de Corrado Govoni, por exemplo. Portanto, parece-me que a figura de Menotti teria que ser mais estudada nesse primeiro momento do modernismo porque, realmente, é ele o grande divulgador na imprensa dessas ideias. Provavelmente por ter um conhecimento melhor da língua italiana e pela própria origem. Se formos fazer um levantamento de livros conhecidos pelos autores que se envolveram no modernismo, podemos ver que havia um bom conhecimento dos debates teóricos italianos e, inclusive, da produção poética italiana

moderna. Isso você vê tanto pela biblioteca de Mário de Andrade, como pela biblioteca de Yan de Almeida Prado, que estão no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Parece-me evidente que os modernistas devam ter encontrado ideias para as suas estratégias públicas no contato com toda essa produção teórica e literária. É por isso que eu digo que, mesmo que a Semana de 1922 não tenha apresentado obras de fato modernas ou selecionado trabalhos parcialmente modernos, sendo uma mistura de várias tendências, ela foi, em termos estratégicos, uma manifestação de vanguarda.

Quais tendências se sobressaíam?

O simbolismo, sobretudo. Na pintura, o que há de mais novo é Anita Malfatti e há um quê de cubismo num dos quadros de John Graz. Também há prolongamentos simbolistas em Di Cavalcanti. Portanto, a Semana de Arte Moderna, exceto no caso de Anita e Villa-Lobos, não apresenta ainda “a arte moderna” em si, mas se estrutura como uma ação de vanguarda. E essa ação também deve ser estudada a partir da imprensa porque, desde 1920, os modernistas ocupam os principais jornais de São Paulo com suas ideias. Aliás, quando eu fiz a pesquisa para o livro *O Futurismo Paulista*, eu tinha a sensação de que estava vendo dia por dia como se gestavam as ideias modernas, os embates que elas provocavam, as tensões e as contradições. A imprensa é uma caixa de ressonância para as ideias modernistas. Era necessário usar os meios de comunicação de massa, no caso, o jornal, para chegar ao público, e essa foi uma tática que os modernistas aprenderam com Marinetti. A Semana de 1922 é a culminação de um processo que vem desde 1920 com a divulgação dessas novas ideias. Às vezes os modernistas nem são tão modernos naqueles momentos iniciais. Por exemplo, eles rechaçavam o dadaísmo, inclusive o próprio Oswald de Andrade. Mas, de uma maneira ou de outra, eles conseguem um espaço de divulgação para as ideias modernas, criando um clima de interesse e tensão em relação a elas. Essa estratégia depois vai ser sabiamente usada na preparação da Semana de Arte Moderna. Quando se analisa todo o debate que se instaura na imprensa, na *Gazeta*, por exemplo, há uma coluna pró e uma coluna contra a arte moderna. De um

lado havia Mário de Andrade defendendo a arte moderna e do outro, outra pessoa atacando a arte moderna. Entre os artigos que Oswald de Andrade escreve no momento da Semana, talvez o mais escandaloso de todos seja aquele em que ataca o maestro Carlos Gomes dizendo que ele é horrível. Você percebe que tudo isso é proposital. Há uma intenção de criar um ambiente de hostilidade contra o grupo que vai se apresentar no teatro. E tudo isso, a meu ver, foi apreendido com os futuristas. Você prepara um clima de conflito e de tensão para que as novas ideias possam ser ouvidas e, evidentemente, no futuro, se afirmar.

Sobre essa tática “publicitária” dos modernistas brasileiros, ao ler os artigos do Oswald de Andrade, mais agressivos, e do próprio Mário de Andrade, mais comedidos, Menotti Del Picchia fica entre os dois. Mas, percebe-se que é proposital em todos esses discursos que eles vão construindo uma argumentação contrária e vão elegendo inimigos, a exemplo de Carlos Gomes para colocar no lugar Villa-Lobos. Como se dá essa ação?

O artigo de Oswald de Andrade contra Carlos Gomes é uma tentativa de mostrar que ele era o que o grupo modernista chamava de passadismo. O compositor representava a ópera italiana, um gênero superado, na visão dos novos de São Paulo. Carlos Gomes tinha que ser atacado, vilipendiado para que pudesse se afirmar a novidade representada por Villa-Lobos. Aqui, realmente, há uma clara ideia de contraposição: o velho tem que ser destruído e há um novo que está chegando. Mesmo fora do plano musical, Villa-Lobos era uma expressão mais moderna do que outras coisas que estavam sendo apresentadas no festival. Nesse caso, há dois emblemas: o emblema do passado e o emblema do presente que se projeta no futuro. Mas acho que a estratégia publicitária vai além das contraposições. Quer dizer, eu chamo de estratégia publicitária essa disseminação contínua das novas ideias. É quando o tempo todo eu estou apresentando meu produto ao público, quando tento fazer com que o público entenda que a cidade de São Paulo é uma cidade moderna, mas não tem uma arte à altura da sua modernidade. Essa campanha publicitária tem esse objetivo, e a cidade de São Paulo é apresentada como o símbolo do Brasil que se deseja construir: um Brasil moderno, atualizado e industrial.

No entanto, os modernistas estão ligados aos latifundiários paulistas.

Num primeiro momento há uma contraposição a um Brasil agrário, mas é inegável que os modernistas estavam ligados aos latifundiários paulistas. Estes, ao mesmo tempo, estiveram na base da modernização da cidade, com a construção das ferrovias etc. Tratava-se de um Brasil ainda agrário, mas que olhava para um futuro em que deveria se tornar industrial. Por isso, nessas peças publicitárias aparecem os temas da multidão, de uma São Paulo como cadinho de raças e de povos... Aliás, Menotti acaba dizendo textualmente que São Paulo era futurista por ser um amálgama de raças. Vinham pessoas de todas as partes do mundo e se encontravam na cidade de São Paulo, criando uma nova geração, que virá a ser chamada de “geração de titãs”. Num artigo de 1922, Ronald de Carvalho chega a propor um paralelo entre o paulista moderno e a figura tão depreciada hoje em dia do bandeirante. O paulista do século 20 seria o representante dos bandeirantes que, com seus arcabuzes, tinham desbravado o sertão e ampliado as fronteiras nacionais. O bandeirante moderno era o industrial, era o banqueiro, era o “self-made man”. Na polêmica contra o passado, os indígenas são depreciados, particularmente por Menotti Del Picchia, que critica, através da figura do índio, o indianismo de José de Alencar. Essas questões acabavam se misturando: a questão política acabava, muitas vezes, se misturando com uma questão literária. A nova geração não queria mais saber de Peri e das outras figuras que haviam sido herdadas do romantismo.

Como os modernistas traçam esses limites ideológicos?

Esses limites ideológicos começam a se configurar claramente logo depois de 1922, quando acontece a cisão do grupo de Menotti Del Picchia e do grupo de Oswald de Andrade. De um lado há a exaltação de um traço fundamental da cultura indígena brasileira que é o antropofagismo, convertido em atitude criadora, isto é, a apropriação da cultura do outro, a sua deglutição e a sua transformação. Dessa forma, a figura do índio desempenha papéis diferentes: pode ser agressiva em Menotti Del Picchia,

A PRIMEIRA AÇÃO DE VANGUARDA EM SÃO PAULO É DE ANITA MALFATTI: ELA ROMPE COM UMA SÉRIE DE CONVENÇÕES E FAZ ISSO SOZINHA

porque ele está atacando o indianismo, ou se torna, digamos assim, propulsiva para Oswald e o grupo da Antropofagia, que celebra um traço fundamental da cultura brasileira. Todas essas tensões acabam mostrando que a nova geração modernista estava procurando, de um lado, dialogar com os aspectos modernos da cultura europeia e, do outro lado, pensar nos elementos da cultura brasileira que poderiam ser usados para construir essa cultura moderna. Eles tinham consciência de que não iriam partir de uma tábula rasa e de que tinham alguns alicerces naquele mesmo passado que combatiam. É o caso da série de artigos de Mário de Andrade, *Mestres do Passado*, em que ele acaba por reconhecer que é filho do passado parnasiano contra o qual se levanta. Ou seja, há um jogo evidente no combate que o futurismo e o modernismo travam com o passado. O futurismo pode dizer teoricamente que não tem uma tradição, mas ele tem uma tradição, basta olhar as matrizes de cada um dos artistas.

A partir das rupturas que o futurismo italiano sofre, é possível fazer um paralelo com as rupturas pelas quais o modernismo brasileiro iria passar?

Eu acho que são duas realidades diferentes. No futurismo italiano, o grande racha é representado pela contraposição entre Milão e Florença. Quando se observa o episódio da revista *Lacerba*, vê-se que ele é o começo de uma série de abandonos, que vão demonstrar o descontentamento de alguns artistas com os rumos que Marinetti estava dando ao movimento. A crítica mais comum era que Marinetti acolhia qualquer um no movimento, desde que se declarasse futurista, tendo perdido toda e qualquer ideia de importância e de hierarquia de valores. Figuras importantes e principiantes eram colocadas no mesmo balaio e isso faz com que muitos artistas comecem a se dissociar do futurismo. É o caso de Carlo Carrà, de Gino Severini e de Umberto Boccioni. Este

último, certamente, teria saído do futurismo se não tivesse morrido durante a Primeira Guerra Mundial, porque realmente discordava da ideia de grupo defendida por Marinetti. Na década de 1920 surge uma nova geração futurista, muito mais voltada para a arte da máquina. É uma geração que está mais sintonizada com as tendências construtivas da arte. Você percebe que a questão da máquina adquire um outro significado com essa nova geração futurista. A questão da máquina era muito mais romântica na primeira geração e com a segunda, ela se torna, de fato, muito mais construtiva. Inclusive chega-se a pensar em autômatos, robôs etc. como figuras fundamentais dessa modernidade.

Como foi essa relação entre Mário de Andrade e Marinetti?

A relação entre eles é bastante complexa. Acho que, em termos poéticos, Mário nada tem de futurista. Oswald exagera um pouco ao chamá-lo de “poeta futurista”, uma vez que a modernidade de Mário era mais moderada. Se Mário era um leitor de Marinetti, ele era também um leitor de Papini e de Soffici; ele se distancia de Marinetti porque conhece sua produção, conhece os manifestos, conhece a sua poesia e não é com ela que ele dialoga mais claramente. Acho que o episódio mais significativo dessa relação foi em 1926. Mário, num primeiro momento, havia sido convidado a fazer parte do grupo que recepcionaria Marinetti no Rio de Janeiro. No fim, ele acaba não indo e fica furioso com Manuel Bandeira, que serve de cicerone a Marinetti e à esposa, por quem se encanta, aliás. Mário pensa em recepcionar Marinetti na chegada a São Paulo, mas erra o horário... Finalmente, eles se encontram no hotel Esplanada, mas a visita é um tanto tensa. Acho que essa relação é um pouco a de um filho com o pai. Marinetti é o pai que Mário quer renegar, aquela figura importante que está no horizonte do modernismo, e que atrapalha um bocado a afirmação da nova geração. Ele não quer se reconhecer em Marinetti e prefere o silêncio público.



Adriana Vichi

Nesse momento da vinda de Marinetti ao Brasil, já havia um movimento por parte dos modernistas de se distanciar do futurismo?

Em 1926, a ideia de se distanciar de Marinetti tem a sua razão de ser. Aliás, se a gente pega o recibo de aluguel da Semana de Arte Moderna no Theatro Municipal, nele está escrito “Semana Futurista”... Depois do festival de 1922, e ao longo de 1923 e 1924, os modernistas tentam se afastar do futurismo e mostrar que eles tinham usado certas táticas futuristas, mas que agora era um momento de construção e que eles estavam perseguindo outras questões, uma outra estética. Em 1926, quando Marinetti vem ao Brasil, a questão futurista volta a ser usada pelos detratores do modernismo. Mário de Andrade escreve numa carta, “Esse carcamaço que veio fazer a gente perder quase metade do caminho andado, carece mas é de ser tratado com a importância que tem”. Com a chegada de Marinetti, volta toda essa questão e todos os jornais voltam a falar em futurismo. Para Mário, isso tem um significado pejorativo. No caso dele, a ruptura definitiva com o futurismo se dá com *Macunaíma* (1928). No romance, o escritor toma uma atitude decidida contra a máquina e a cidade e defende a preguiça como ócio criador. Através da figura de Macunaíma, ele exalta a indolência, isto é, a reação a um modo de vida que não lhe era congenial, cujo ponto de chegada seria a “civilização tropical”, necessariamente diferente do frenesi mecânico e da agitação futurista. 1928 é, para mim, o momento em que Mário rompe de vez com o futurismo. É por isso, aliás, que no livro *O Futurismo Paulista* os marcos temporais são 1920 e 1928: 1920 representa o começo da pregação futurista pela imprensa, a partir de Menotti Del Picchia; 1928 e *Macunaíma* parecem ser o diálogo terminal de Mário de Andrade com o futurismo.

Poderia falar um pouco do papel de Anita Malfatti no modernismo?

A primeira ação de vanguarda em São Paulo é de Anita Malfatti: ela rompe com uma série

de convenções e faz isso sozinha. Talvez a gente pudesse chamá-la de uma precursora da consciência de vanguarda, que depois vai se constituir com o grupo modernista. Na verdade, estudos mais recentes sobre ela mostram que um certo nacionalismo e uma visão mais ordenada e menos expressionista, começam a aparecer em algumas obras da produção norte-americana, portanto, em 1915. Se Anita tinha desconcertado a família com os quadros que trazia da Alemanha (1914), esta fica ainda mais desconcertada com as obras produzidas nos Estados Unidos. Elas rompiam com tudo o que se entendia por arte em São Paulo e, sobretudo, por arte feita por uma mulher, mostrando a existência de uma questão de gênero. Quando Anita volta da temporada

norte-americana, ela se encontra num ambiente em que as ideias nacionalistas estão em pleno vigor. A tela *Tropical* (1916), que pertence à Pinacoteca, é considerada uma obra-chave desse momento porque mostra a adesão da pintora a um tema nacional e local. Ao mesmo tempo, há nela uma espécie de conciliação entre o momento mais vanguardista e certa visão mais realista, como é o tratamento dado às frutas. Se nas frutas se nota um tratamento realista, no rosto da figura feminina é mantido certo diálogo

com a vanguarda. Ao voltar ao Brasil, Anita já começa a ensaiar um certo processo de adequação às diretrizes artísticas do meio.

Houve um fato em particular que marca esse momento: a crítica *Paranóia ou mistificação?*, de Monteiro Lobato, publicada em 1917 no jornal *O Estado de S. Paulo*. No artigo, Lobato faz duras críticas às obras da artista. Por quê?

Na exposição de 1917, Monteiro Lobato não ataca a pintora, mas a arte moderna. Aliás, Lobato talvez seja um dos poucos que valoriza Anita Malfatti como uma boa pintora. Ele a afasta do domínio da arte feminina, isto é, de uma arte diletante feita por senhoritas que não tinham nada a fazer na vida. Lobato a vê como uma profissional, que, infelizmente, estava empregando seus talentos

A SEMANA DE ARTE
MODERNA NÃO
APRESENTA, AINDA, A ARTE
MODERNA, MAS ELA SE
ESTRUTURA COMO UMA
AÇÃO DE VANGUARDA

na direção “errada”. De todo modo, essa diatribe de Lobato desconcerta a pintora, que se isola, se recolhe e acaba fazendo uma produção bastante mais palatável. Em certos momentos, essa produção se torna “feminina” no sentido tradicional: Anita cria a partir de temas mais amenos, como flores e crianças e usa uma técnica mais suave, mais “adocicada”, como escrevia Marta Rossetti Batista. Isso não é bem visto pelos modernistas, que concentram sua campanha modernizadora na figura de Brecheret (1920-1921). Em 1923, ela vai para Paris com uma bolsa do Pensionato artístico e lá permanece até 1928. Nesse momento, ela encontra uma outra atmosfera artística em que as produções da vanguarda não estavam mais na ordem do dia e isso acaba por despertar seu interesse. A partir daí, ela faz uma série de experiências técnicas, colocando toda a produção desse momento sob o signo de “volta à ordem”. Em uma entrevista concedida em 1928, quando volta ao Brasil, ela deixa claro que o que estava fazendo em Paris era arte moderna; era o que faziam Picasso, Matisse etc. A exposição de fevereiro/março de 1929, em que mostra essa nova produção, provoca reações muito diferentes nos modernistas. Menotti Del Picchia não gosta e acha que ela retrocedeu. Guilherme de Almeida fala de uma arte “feminina”, mas sem implicações negativas. Yan de Almeida Prado aprecia muito a exposição e a contrapõe a artistas do sexo feminino que se dobraram aos desígnios do mercado. Ele reconhece em Anita um talento “viril”, comparando-a com alguns artistas do século 18 como Magnasco e Piranesi. Mário de Andrade comporta-se de maneira dúbia, mas o que importa salientar é que nesse momento os modernistas reconhecem finalmente seu papel histórico, penitenciando-se da atitude de 1920-1921.

Neste momento em que se celebra o centenário da Semana de Arte Moderna, de que forma as manifestações no campo das artes visuais, literárias e da música em 1922 ainda reverberam ações e reflexões hoje?

É complicado pensar nas “lições” que a Semana de 1922 nos legou porque o século que a separa do momento atual trouxe muitas modificações na sociedade, na cultura e na arte. A Semana de Arte Moderna poderia ser definida como uma reunião de fragmentos de um novo que está por vir. Por isso, ela choca o público, que busca obras acabadas, ao apresentar-lhe “rascunhos”, esboços, estudos. O culto do novo não está mais no horizonte da arte contemporânea. Esta tem relações bem diferentes com o público, que aceita pacificamente inovações superficiais, e com um mercado de arte agressivo e pautado cada vez mais pela lógica capitalista. Pensando em termos mais amplos, não se pode esquecer que os modernistas eram guiados por uma ideia fundamental – definir uma identidade nacional, capaz de abarcar todas as manifestações artísticas – e que esse programa encontrará uma condensação, até certo ponto paradoxal, no Ministério da Educação e Saúde, obra de um governo autoritário como o Estado Novo de Getúlio Vargas. As identidades atuais são setoriais e, não raro, sectárias, não permitindo vislumbrar a possibilidade de programas de ação mais amplos e diversificados. Provavelmente, o único ensinamento ainda válido de 1922 é o de que a arte e a cultura não podem se dissociar do presente e que o futuro não pode dispensar os ensinamentos da história. ■

PROVAVELMENTE, O ÚNICO ENSINAMENTO AINDA VÁLIDO DE
1922 É O DE QUE A ARTE E A CULTURA NÃO PODEM SE
DISSOCIAR DO PRESENTE E QUE O FUTURO NÃO PODE
DISPENSAR OS ENSINAMENTOS DA HISTÓRIA



Visitação à exposição "Gold", de Sebastião Salgado, no Sesc Santos, em novembro de 2021: o acesso a linguagens artísticas também promove saúde.



REINVENTAR-SE É PRECISO

A IMPORTÂNCIA DA ARTE E DA CULTURA COMO
FERRAMENTAS PARA RECONSTRUÇÃO DE NOVOS
MODOS DE VIVER E DE PRODUZIR SAÚDE E BEM-ESTAR

Um alarme nos desperta para o começo da jornada de trabalho, outro sinaliza a hora de se exercitar e um terceiro indica que a live de música vai começar. Reuniões e ligações de família acontecem por videochamadas, enquanto notícias e outras informações roubam sua atenção em aplicativos e redes sociais. Se antes da pandemia de Covid-19 estes dispositivos já ocupavam a rotina de bilhões de pessoas em todo mundo, nestes dois últimos anos, eles tiveram seu uso intensificado diante da necessidade de restrições sociais. Consequentemente, a concepção de “uma vida normal” foi reavaliada, assim como a maneira como cuidamos da saúde. Neste contexto, de que modo a cultura e os meios digitais reinventam o cotidiano e participam de novas estratégias em busca de bem-estar e de uma vida saudável?

Para entender de que forma a cultura influencia a produção de saúde coletiva é preciso desdobrar seu conceito para além do modelo biomédico, cuja definição reduz a saúde à doença e à cura, centralizando-se apenas no papel do médico e do hospital. Esse modelo vem sendo questionado desde o século 20, uma vez que o conceito de saúde abarca as condições de vida em sociedade. Ou seja, nosso estilo de vida e comportamentos contribuem e muito na produção de saúde. Dessa forma, a possibilidade de frequentar equipamentos culturais e ter acesso a linguagens artísticas, seja em formato presencial ou digital, somam-se na promoção de saúde.

Segundo o médico patologista Paulo Saldiva, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, já foi comprovado que viver perto de um equipamento de lazer diminui em 30% o risco de doenças cardiovasculares. E quando uma pessoa realiza alguma atividade artística ou se reúne com pessoas para fazer algo prazeroso, ela produz mais substâncias anti-inflamatórias, “mas a gente não prescreve isso”, compartilhou em entrevista à Revista E, em julho de 2017 [[leia a seção Encontros publicada na Revista E nº 253](#)]. Sendo assim, “o desafio é incorporar esses novos conhecimentos a políticas de saúde”, disse o especialista.

Pesquisa inédita

Se antes da pandemia, a medicina e outros campos de conhecimento debruçavam-se sobre as interfaces entre cultura e saúde, as restrições e uma nova rotina impostas pela Covid-19 influenciaram esse cenário. A fim de entender esses reflexos, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e o Sesc São Paulo realizaram a pesquisa *A reinvenção da vida e da saúde em tempos de pandemia – o lugar da cultura* (leia boxe Outras perspectivas). Coordenada pelos professores Ricardo Rodrigues Teixeira, do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, e Rogério da Costa Santos, coordenador do LInC – Laboratório de Inteligência Coletiva da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com a colaboração da professora Sabrina Helena Ferigato, do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e apoio do Centro de Formação e Pesquisa (CPF) do Sesc, a pesquisa investigou as múltiplas estratégias criadas para reinvenção de modos de viver, considerando o papel de práticas e de atividades culturais, especialmente aquelas transmitidas online, na produção de saúde.

Respondido por mais de mil participantes, entre homens e mulheres, principalmente do Estado de São Paulo, o questionário levantou temas como sentimentos vivenciados na pandemia, impactos no cotidiano e na vida social, mudanças de hábitos e de comportamentos em relação aos cuidados com o corpo e com a saúde, além da relação com o tempo livre. Segundo o professor Ricardo Rodrigues Teixeira, a investigação partiu da hipótese teórica de que “a gente produz saúde enquanto produz mundos a partir de matérias-primas disponíveis”.

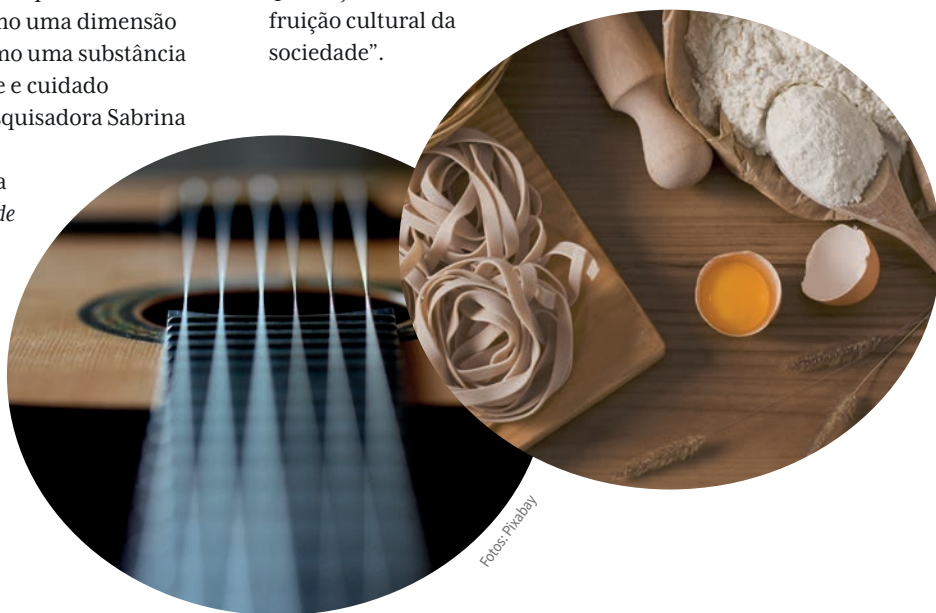
Para a fabricação de novos mundos possíveis: livros, filmes, peças, shows, cursos, vínculos sociais e outras expressões culturais. “Se compreendemos a saúde para além do bem-estar físico, incluindo, portanto, nossa própria condição subjetiva, nossa capacidade de estar em relação com os outros, bem como nossa apreensão do sentido de mundo, em seus aspectos políticos, históricos, sociais etc., então, o acesso aos processos culturais, sejam eles físicos ou digitais, constitui um vetor essencial para a produção dessa saúde ampliada”, analisa o pesquisador Rogério da Costa.

Novos horizontes

A capacidade humana de se reinventar e de se adaptar também reside no exercício da imaginação e da resistência para a criação de novos modos de viver. Para isso, a arte e a cultura exercem um importante papel ao longo de séculos atravessados por guerras, regimes políticos autoritários, desastres ambientais e pandemias. “A partir do que a Covid-19 nos provoca, temos uma nova oportunidade de reposicionar o lugar de importância da produção cultural no escopo das produções da saúde coletiva, por exemplo; tomando a produção cultural não apenas como uma dimensão do processo saúde-doença, mas como uma substância dos processos de produção de saúde e cuidado individual e coletivo”, ressalta a pesquisadora Sabrina Helena Ferigato.

Entre algumas análises prévias da pesquisa *A reinvenção da vida e da saúde em tempos de pandemia – o lugar da cultura*, Rogério da Costa destaca verbos utilizados por quem respondeu ao questionário. “Tivemos cerca de 50 páginas de afirmações como: aprendi algo que sempre desejei; fiz um

curso que sonhava; reencontrei meu violão; inventei; criei; comecei a cozinhar; me formei; diminuí meu consumo; cuidei mais da saúde etc. São páginas de movimento emocional, subjetivo, intelectual, justo numa época em que tudo parou”, pondera. O pesquisador ainda destaca que a partir dos resultados obtidos pela pesquisa, será possível “ampliar o olhar dos produtores e promotores de cultura, de modo que possam perceber a correlação profunda entre ‘produção de saúde’ e a fruição cultural da sociedade”.



Fotos: Pixabay

Caminho do meio

As restrições sociais impostas pela pandemia não só provocaram uma revisão dos modelos de trabalho e de consumo, das relações sociais, da fruição cultural e de outras esferas da vida como também derrubaram as fronteiras que julgava-se haver entre a vida online e offline. “O mundo real das pessoas não é ‘uma relação com a rede’ separado do “fora da rede”. As pessoas circulam nos dois ambientes o tempo todo”, disse o sociólogo Bernardo Sorj [*leia Entrevista publicada na Revista E nº 298, de agosto de 2021*].

Segundo a pesquisadora Sabrina Helena Ferigato está evidente o que já parecia óbvio: as plataformas digitais cumpriram e cumprem um papel importantíssimo na pandemia, para quem tem acesso a elas. No entanto, na pesquisa *A reinvenção da vida e da saúde em tempos de pandemia – o lugar da cultura* não é possível julgar este impacto.

“Isso porque, ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais ganharam uma centralidade sem precedentes, conforme apontam os dados (da pesquisa) – entre os respondentes, 41,8% declaram um aumento de sua preocupação com a saúde em decorrência do excesso de tempo de exposição às telas e 53,4% tiveram suas preocupações com a saúde mental aumentadas pelo uso excessivo de dispositivos eletrônicos –, estamos diante de uma situação muito complexa. As saídas construídas para ela são igualmente complexas e podem expressar situações paradoxais às quais estamos submetidos”, pondera.

A sabedoria de povos ancestrais de diferentes culturas do mundo já alertava para os efeitos provocados por toda ação em excesso. Nem tanto ao céu, nem tanto à terra. Nem muito, nem pouco, apenas o caminho do meio. O caminho da moderação deverá ser apreendido para que o uso das tecnologias digitais seja em prol da saúde individual e coletiva.

Para que isso aconteça, a pandemia de Covid-19 escancara a necessidade de refletirmos sobre o que pensávamos ser “normal” e até mesmo “saudável” em nossos hábitos e prioridades, segundo o pesquisador Ricardo Rodrigues Teixeira. Ficou evidente, por exemplo, a necessidade de revisar o uso que fazemos do tempo dentro e fora das telas. Experimentamos um momento único na história contemporânea de reformular a maneira como vivemos, como nos relacionamos e produzimos bem-estar e saúde em nosso cotidiano. E você? De que forma está se reinventando nesta pandemia? ■



Pixabay

SAÚDE INTEGRAL

Com a Constituição de 1988, a saúde passa a ser reconhecida como um direito universal, tendo como um de seus princípios basilares a integralidade. E garantir o direito à saúde integral é um objetivo que instaura um questionamento permanente a respeito do alcance dessa integralidade. Certamente, o direito à saúde integral não pode se restringir ao tratamento de doenças, mas deve incluir também a prevenção. E não apenas a prevenção e o tratamento de doenças, mas também a promoção da saúde. (...) a criação de um sistema público de atenção à saúde orientado

pelo princípio da integralidade instaurou um campo fértil para a invenção de práticas de cuidado integral, que articulam tratamento, reabilitação, prevenção e promoção, em práticas individuais e coletivas, combinando saberes profissionais, tradicionais e populares, em ações interprofissionais, intersetoriais e coletivas, o que inclui também as práticas artísticas e culturais.

Ricardo Rodrigues Teixeira, no artigo Produzir saúde na produção do mundo, publicado na *Revista do Centro de Pesquisa e Formação nº 10, de agosto de 2020*.

PARA ABRIR JANELAS

CONFIRA SUGESTÕES DE LIVROS E FILMES QUE REFLETEM SOBRE NOVOS MODOS DE VIVER E CONVIVER NA ATUALIDADE

LIVROS

O CAPITALISMO SE DESLOCA: NOVAS ARQUITETURAS SOCIAIS, de Ladislau Dowbor (Edições Sesc São Paulo, 2020)

Finalista na categoria Ciências Sociais da 63ª edição do Prêmio Jabuti, este livro escrito pelo economista e professor da PUC-SP Ladislau Dowbor propõe uma análise sobre um conjunto de mudanças do capitalismo, que está em transição para outro modo de produção. Dowbor aponta que foi deixada para trás a chamada era industrial e inaugurada uma “era do conhecimento”. Segundo Dowbor, podemos estar diante de uma sociedade mais conectada e colaborativa. No entanto, problemas ambientais, sociais e econômicos agravam-se, assim como o controle individualizado sobre as populações, por meio de algoritmos e de inteligência artificial. Afinal, que rumos tomaremos frente a esse “mundo novo”?



Imagens: Divulgação



IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO, de Ailton Krenak (Companhia das Letras, 2020)

Considerada uma parábola sobre os tempos atuais, este livro escrito por um dos maiores pensadores indígenas da atualidade critica a ideia de humanidade como algo separado da natureza. “Nosso tempo é especialista em produzir ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar e de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta e faz chover. (...) Minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história”, descreveu Ailton Krenak.

O MUNDO DESDOBRÁVEL: ENSAIOS PARA DEPOIS DO FIM, de Carola Saavedra (Relicários Edições, 2021)

O que pode a literatura em um mundo em colapso, assombrado pelo aquecimento global, por pandemias, pelo aumento da miséria, entre outras tragédias? Neste livro de ensaios da escritora Carola Saavedra, traz questionamentos que fazem o leitor vestir-se de encontros e desencontros sobre o que é ser humano. Através de uma escrita que incorpora a dinâmica de um “mundo desdobrável”, Carola reúne temas como o fim do mundo, a ancestralidade, a permacultura, a literatura feita por mulheres, a literatura indígena, entre outros temas. Um livro para se pensar a literatura como oráculo e abertura de novas possibilidades de estar no mundo.



INTERDEPENDENCE (2019), concepção Adelina von Fürstenberg

Cineastas de 11 países, de todos os continentes, refletem sobre as relações entre a sociedade humana e o ambiente natural, agravadas pelas mudanças climáticas. As produções, que tem entre 7 e 11 minutos cada, transitam entre a ficção científica, drama, comédia e videoarte. Entre as produções, o curta-metragem marroquino *A sunny day* (Um dia ensolarado), dirigido por Faouzi Bensaïdi, acompanhamos a vida de um homem que ao “desfrutar” de um momento de lazer na praia tenta desviar de onda de resíduos descartados no mar e dos efeitos devastadores das mudanças climáticas. Assista: www.sescsp.org.br/sesctv.



Imagens: Divulgação



DESCARTE (2021), de Leonardo Brant
Documentário dirigido e produzido pelo cineasta paulista Leonardo Brant questiona o consumo e o descarte de resíduos no Brasil a partir de histórias inspiradoras de artistas, designers, artesãos e ativistas que transformam materiais recicláveis com inovação e sensibilidade. Entre os entrevistados está a catadora e artista Dulcinéia, presidente da Cooperativa do Glicério em São Paulo, que teve a vida transformada pela separação de resíduos e valorização do descarte. Saiba mais: www.descarte.net.

AS INVASÕES BÁRBARAS (Canadá/França, 2003), de Denys Arcand

Vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e dos prêmios de melhor roteiro (Denys Arcand) e melhor atriz (Marie-Josée Croze) no Festival de Cannes, este longa-metragem traz na alegoria de um historiador à beira da morte, cercado apenas por poucos parentes e amigos, os valores da sociedade contemporânea. Enquanto sofre com a solidão e o distanciamento da filha, com quem fala apenas por uma tela de computador, no hospital, o protagonista reflete sobre a vida e também sobre as transformações econômicas, culturais e sociais ao longo da história da humanidade. Disponível na programação *Cinema Em Casa* do Sesc São Paulo até dia 4/02: sesc.digital/cinemaemcasa.



Outras PERSPECTIVAS

RESULTADOS DE PESQUISA REALIZADA PELO SESC SÃO PAULO EM PARCERIA COM A USP
PODEM NORTEAR FUTURAS AÇÕES E REFLEXÕES SOBRE CULTURA E SAÚDE

De que forma arte e cultura podem promover saúde? Com o objetivo de investigar essa relação, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e o Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc São Paulo realizaram a pesquisa *A reinvenção da vida e da saúde em tempos de pandemia - o lugar da cultura*. “Ao realizar esta pesquisa, o Sesc, para além de contribuir enquanto instrumento de análise para identificar o impacto da pandemia no cotidiano do público respondente, possibilita iluminar certas percepções sobre o movimento da vida e o significado da cultura para a leitura do mundo, como diria Paulo Freire”, explica Andréa de Araújo Nogueira, gerente do Centro de Pesquisa e Formação.

A partir deste mês, os primeiros dados e análises da pesquisa estarão disponíveis ao público no portal do Sesc São Paulo. A ideia é que ao produzir um banco de dados quantitativos e qualitativos sobre diferentes aspectos da vida reinventada na pandemia, seja possível construir um mapeamento da condição cultural e da saúde dos participantes. E a partir desse material, contribuir para o desenvolvimento de novos projetos, políticas e práticas setoriais e intersetoriais que dialoguem com as necessidades e potencialidades identificadas.

Para investigar reinvenções de modos de viver e de se produzir saúde diante das mudanças impulsionadas pela pandemia, refletindo sobre o lugar da cultura e do mundo digital nesse contexto, a pesquisa se vale de um questionário dividido em dois blocos e que ficou disponível ao público no portal do Sesc até novembro de 2021. Respondido integralmente por 1.118 pessoas, o questionário levava, em média, 45 minutos para ser finalizado.

Para percorrer essa “trilha reflexiva”, foi possível escolher como guia um dos quatro artistas convidados: a jornalista, apresentadora e diretora, Adriana Couto; o cantor, ator, diretor e produtor teatral Pascoal da Conceição; o compositor e rapper Rael da Rima; e a professora, atriz e YouTuber Rita von Hunty. “Concebida por meio de um questionário acolhedor em formato de experiência cultural em que artistas acompanham todo o percurso das perguntas, a pesquisa oferece indicadores dos efeitos deste período nos hábitos culturais, na vida prática e na convivialidade, e, fundamentalmente, proporciona fabulações sobre a produção de novos modos de vida”, ressalta a gerente do CPF.

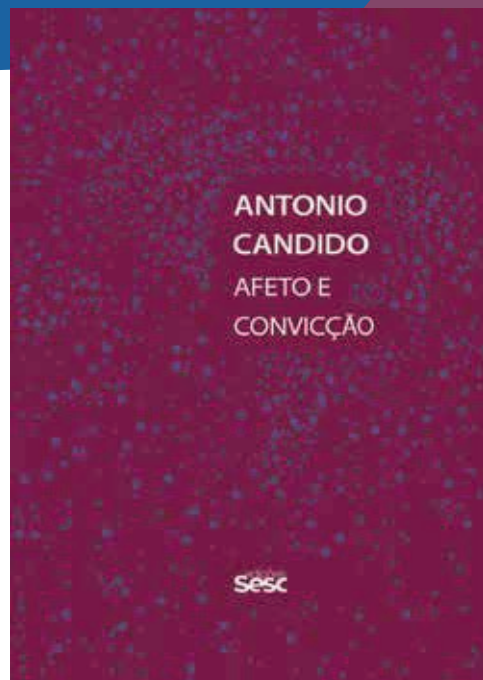
Segundo um dos coordenadores da pesquisa, o professor Rogério da Costa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), o objetivo principal da pesquisa foi o de levantar os hábitos culturais, digitais e de saúde, antes e depois da pandemia, considerando diferentes aspectos da saúde, com destaque para a experiência subjetiva. “Nesta perspectiva humanista, em que podemos mensurar as conexões digitais e presenciais desenvolvidas neste momento tão dramático do mundo, reside a compreensão do quanto devemos ainda fazer, nos achegar, pois o Sesc preserva a profunda convicção sobre a dimensão cultural da vida em sua essencialidade. E a cultura só acontece na integração, na relação com o outro. Nas práticas democráticas, em que ouvir se sobressai às normatizações e entendendo que a saúde também está no valor afeto”, complementa Andréa de Araújo Nogueira.

Saiba mais: www.sescsp.org.br.



Divulgação

LANÇAMENTOS



ANTONIO CANDIDO afeto e convicção

Vários autores

Obra registra um conjunto inédito de visões sobre o legado de um dos principais pensadores brasileiros, enfatizando sua atuação como mestre dotado de profundo senso ético e social, formador de gerações de críticos.



O NEOCOLONIALISMO À ESPREITA mudanças estruturais na sociedade brasileira

Marcio Pochmann

Uma análise da sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XXI a partir de aspectos econômicos e sociais que permitem compreender o curso atual da chamada mudança de época.

CELSO FURTADO E OS 60 ANOS DE *FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL*

Alexandre de Freitas Barbosa
e Alexandre Macchione (org.)

Vinte e dois estudiosos discorrem sobre uma das obras mais influentes de Celso Furtado, demonstrando a diversidade de diálogos possíveis a partir de campos diversos como a história, a economia, a sociologia e a cultura.





Na pintura sobre fotografia “Fachada do Theatro Municipal” (1911), o artista Valério Vieira reproduz as movimentadas noites de espetáculos no Centro da capital paulista.

Ao som do modernismo

CENTENÁRIO DA SEMANA DE 1922 É CELEBRADO POR SONORIDADES QUE ATÉ HOJE ECOAM SOBRE NOVAS GERAÇÕES

Quando aprendemos sobre a Semana de Arte Moderna na escola, geralmente revisitamos nomes como os de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, e ficamos sabendo que naqueles três dias – e não uma semana, como se intitulou – houve declamação de poesias, conferências e exposição de obras de arte [leia a matéria [Ecos do Modernismo](#), publicada na Revista E nº 299, de setembro de 2021]. Mas pouco ainda se fala que, há um século, os dias 13, 15 e 17 de fevereiro preencheram o Theatro Municipal de São Paulo com uma música que iria influenciar

diferentes linguagens artísticas em todo país ao longo do século 20.

Naqueles dias, as obras interpretadas no Municipal eram em sua maioria compostas principalmente pelo maestro, violoncelista, pianista e compositor carioca Heitor Villa-Lobos (1887-1959). Aos 34 anos na data do evento, Villa-Lobos ainda era um ilustre desconhecido na capital paulista, à época com 600 mil habitantes. Mas foi a partir daquela Semana que o maestro fez contatos, recebeu convites e acabou ficando na cidade por quase um mês.

“Mais de 90% da música que tocou naqueles três dias eram composições dele. Villa-Lobos selecionou as peças, os intérpretes, ficava na coxa acompanhando tudo e dando dicas. E regeu pessoalmente as duas maiores obras: *Quarteto Simbólico (Impressões da Vida Mundana)* e *Danças Características Africanas* (octeto)”, explica a doutora em musicologia, jornalista e pesquisadora de música clássica Camila Fresca, que prepara uma biografia sobre o maestro, com previsão de lançamento para este ano pela editora Todavia.

Na ocasião, Villa-Lobos usou casaca e chinelos, porém, segundo pesquisas históricas, essa não foi uma postura rebelde ou manifestação de ruptura com as tradições, e sim uma crise aguda de gota (excesso de ácido úrico nas articulações) que o acometia principalmente quando ele ficava nervoso. Além das obras do maestro carioca, a Semana reuniu composições europeias que acompanharam as palestras e recitações. “O que se entendia na época por música bem feita, que todo mundo gostava, era aquela criada entre o final do século 19 e o começo do 20, por pianistas clássicos como Claude Debussy e Camille Saint-Saëns”, além de Émile-Robert Blanchet e Henri Stierlin-Vallon (presentes na programação da Semana), explica a musicóloga, professora titular da Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) Flávia Camargo Toni.



Foto de Heitor Villa-Lobos, em 1923, dedicada ao amigo e escritor Mário de Andrade.

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP/Fundo Mário de Andrade

Fotógrafo não identificado - direitos reservados/Acervo Maria Stela Orsini



VANGUARDA NAS PARTITURAS

A música modernista de Villa-Lobos e dos pianistas Ernani Braga, Guiomar Novaes, Lucília Villa-Lobos (companheira de Heitor) e Frutuoso Vianna – que também participaram da Semana de Arte Moderna, interpretando obras do maestro – buscava romper com as tradições europeias e inovar na estrutura harmônica, na linguagem e na forma de compor. “Com o passar dos anos, Villa-Lobos acaba encontrando um estilo muito próprio, autoral, que já não se baliza pelos compositores clássicos europeus.

Outros músicos brasileiros que não participaram da Semana, mas que sofreram influência das propostas modernistas, foram Camargo Guarnieri, Oscar Lorenzo Fernández, Luciano Gallet e Francisco Mignone [[leia o Perfil Ode ao Maestro, publicado na Revista E nº 303, de janeiro de 2022](#)]. “Estes começam a fazer uma autocrítica da própria escrita, a pesquisar a fundo a música do país, as formas de expressão populares e a não se reportar mais ao passado”, destaca Flávia Toni.

A pianista brasileira Guiomar Novaes também se apresentou na Semana de 1922.

É importante lembrar que no momento em que ocorreu a Semana ainda não havia rádio no Brasil – apesar de já existirem bondes elétricos, automóveis e até aviões por aqui. A primeira transmissão radiofônica aconteceu no centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922, ou seja, quase sete meses após o evento no Municipal. Foi veiculado um discurso do então presidente, Epitácio Pessoa, e a instalação do rádio no país, de fato, só foi feita em 20 de abril de 1923. “E, assim, alguns compositores foram mudando sua maneira de escrever música, enquanto outros já se formavam dentro dessa nova estética”, aponta Camila Fresca.

INFLUÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

De acordo com a doutora em musicologia, o modernismo impactou as artes em geral ao longo do século 20, como o Cinema Novo de Glauber Rocha (1939-1981), o teatro de Zé Celso Martinez Corrêa e a arquitetura das décadas de 1950 e 1960. Na música popular, ecoou na Bossa Nova e no Tropicalismo, com expoentes como Os Mutantes, Tom Zé e Caetano Veloso.

“Saber se hoje alguém ainda bebe (direto da fonte) do modernismo é uma discussão ampla e difícil de responder. Os próprios artistas é que devem se reconhecer como filiados ao, ou inspirados pelo, movimento”, pondera Camila. Segundo a pesquisadora, a história da música brasileira de concerto no século 20 inclui uma discussão permanente sobre o legado do modernismo, ora negando-o, ora incorporando-o. “Como exemplos temos os movimentos Música Viva, Música Nova e Armorial”, cita.



Manuscrito do Quarteto Simbólico, Quatuor, Villa-Lobos, 1921.

Museu Villa-Lobos



Divulgação

BOX DA SEMANA

Neste mês, o Selo Sesc lançará um box físico, acompanhado por livreto, com quatro discos, para marcar o centenário da Semana de 1922, dois meses depois de tê-lo divulgado na plataforma Sesc Digital. Com o nome *Toda Semana: Música e Literatura na Semana de Arte Moderna*, o box emula o que ocorreu naqueles três dias em termos poéticos, sonoros e musicais, na possível ordem de acontecimento dos fatos, segundo pesquisas e registros históricos.

O primeiro álbum começa com um trecho da conferência de abertura de Graça Aranha, intitulada *A emoção estética na arte moderna*, e o quarto CD termina com a interpretação de *Quarteto Simbólico (Impressões da Vida Mundana)*, de Villa-Lobos, seguida de uma série de poemas declamados por Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e Sérgio Milliet, entre outros escritores. “As músicas de Villa-Lobos aparecem na mesma sequência em que foram apresentadas ao público sentado nas cadeiras do Theatro Municipal. Queríamos mostrar o que aconteceu de fato na sala de concerto, quando a música foi tocada ao vivo”, detalha a professora da USP Flávia Toni, que idealizou e organizou o projeto ao lado de Camila Fresca e Claudia Toni.

Aluna de Flávia no mestrado e doutorado, Camila conta que cerca de 40 músicos participaram das gravações – ocorridas entre 2019 e 2020, em três estúdios de São Paulo –, sendo 16 deles integrantes do coro e os demais, instrumentistas. Os trios de Villa-Lobos já estavam contemplados em CDs do Selo Sesc e duas dessas peças, que fizeram parte da Semana, foram incorporadas no box *Toda Semana*.

Os poemas que compõem essa coletânea foram declamados pelos cantores Homero Velho e Mônica Salmaso e pela professora Lígia Fonseca Ferreira. Já as conferências, bem como textos em prosa, foram gravadas pelo ator Antonio Salvador.

“Esse é um projeto que começou a ser concebido em 2018. Fizemos pesquisas em livros, na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, em acervos de jornais para confirmar informações, e tivemos a colaboração fundamental do Museu Villa-Lobos, no Rio de Janeiro”, lista Camila. Para a doutora em musicologia, reunir todo esse material pela primeira vez tem uma importância imensa, pois permite que agora se discuta a Semana com bases mais sólidas.

“O último dia do evento não teve palestra e declamação, mas um grande concerto do Villa-Lobos. Ele foi o artista mais exposto da Semana, com 20 peças de sua autoria interpretadas nos três dias. O que mais me deu alegria agora (com o lançamento de *Toda Semana*) foi a possibilidade de mostrar a beleza da obra deste maestro que tinha presença, sabia compor e mostrar a sua música, e teria sido grande, com uma carreira espetacular, de qualquer maneira”, avalia Camila.

Na visão da musicóloga e professora Flávia Toni, a Semana de Arte Moderna foi um acontecimento que marcou profundamente a cultura brasileira, não apenas a paulistana. Ela abriu um diálogo entre os artistas e as artes, com parcerias entre a música, a poesia, as artes plásticas e outras linguagens. “Houve uma explosão de criações, de demanda por concertos, de exposições, além de uma aproximação entre os artistas e o público”, analisa Flávia.

Para a estudiosa, esse box lançado pelo Selo Sesc ainda é uma excelente oportunidade para os professores utilizarem em sala de aula e trabalharem a Semana sob a ótica das artes plásticas, da literatura e também da música. “O livreto tem um texto extenso (188 páginas incluindo uma tradução para o inglês) explicando muitos detalhes. Quem sabe, a partir de agora, mais alunos e alunas sairão da escola com uma visão diferente sobre esse grande acontecimento”, torce Flávia Toni. ■

DIVERSOS 22

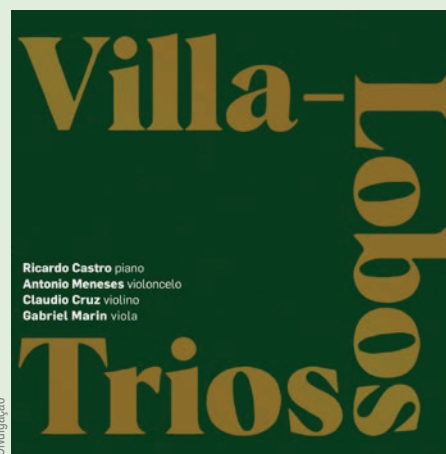
O box *Toda Semana* faz parte da ação *Diversos 22* – *Projetos, Memórias, Conexões*, que desde setembro de 2021 e durante todo o ano de 2022 integra a programação das unidades do Sesc São Paulo. A iniciativa reúne atividades artísticas e socioeducativas em programações online, presenciais e híbridas com o objetivo de marcar um arco temporal entre dois momentos históricos: o Centenário da Semana de Arte Moderna e o Bicentenário da Independência do Brasil. Saiba mais em: www.secscsp.org.br/diversos22.

SALVE, VILLA-LOBOS!

DISCO DO SELO SESC DEDICADO A OBRAS COMPOSTAS ENTRE AS DÉCADAS DE 1910 E 1940 PELO MAESTRO GANHA PRÊMIO NACIONAL

Vencedor da categoria CD/DVD/Livro da décima edição do Prêmio CONCERTO de Música Clássica e Ópera 2021, o álbum *Trios de Villa-Lobos*, com Claudio Cruz (violino), Antonio Meneses (violoncelo), Ricardo Castro (piano) e Gabriel Marin (viola) reverencia esse gigante da música brasileira. Lançado no início de 2021, o disco revisita obras de Heitor Villa-Lobos para trios de cordas e ainda traz outra faceta do compositor: a de jovem prodígio, com três peças compostas na década de 1910 para violoncelo, violino e piano. Dentre essas, duas peças foram apresentadas na Semana de Arte Moderna de 1922. O premiado álbum também inclui um trio escrito em 1945 para viola, violoncelo e violino, época em que o compositor e maestro já era um autor requisitado mundialmente.

Aperte o play e ouça *Trios de Villa-Lobos* (Selo Sesc, 2021) nas principais plataformas de streaming de música ou gratuitamente pelo Sesc Digital: sesc.digital.



Viagem musical

CONCERTOS CELEBRAM LANÇAMENTO DO BOX *TODA SEMANA* COM INTERPRETAÇÕES DE OBRAS APRESENTADAS NA SEMANA DE 1922

A música nos permite viajar no tempo e no espaço. Basta fechar os olhos e permitir que vozes, percussão e instrumentos de corda e de sopro nos guiem até os dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922 dentro da grande sala do Theatro Municipal de São Paulo. Esse é o convite feito por dois concertos a serem realizados no Teatro Antunes Filho, no Sesc Vila Mariana, dias 9 e 16 de fevereiro, às 21h, que integram as ações de lançamento de *Toda Semana: Música e Literatura na Semana de Arte Moderna*, lançado pelo Selo Sesc. Esse conjunto de livreto e quatro CDs foi idealizado por Cláudia Toni, Flávia Camargo Toni e Camila Fresca, com direção musical de Cláudio Cruz, e reúne, pela primeira vez na história, a íntegra das músicas tocadas durante a Semana de Arte Moderna, além de uma seleção de poemas e conferências.

Portanto, além de embarcarmos no tempo pela música durante esses dois concertos, também sentiremos a verve da Semana com interpretações de textos que outrora foram realizadas por Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade e outros modernistas. No dia 9 de fevereiro, o programa traz trechos da palestra *A emoção estética na arte moderna*, de Graça Aranha, e a leitura de poemas de Guilherme de Almeida – *As galerias* – e de Luiz Aranha – *Drogaria de éter e sombra* –, todos interpretados pelo ator Antonio Salvador. Na parte musical, Cristian Budu assume o piano solo na interpretação de peças de Francis Poulenc, Erik Satie e Heitor Villa-Lobos, dividindo o palco com o violoncelista Robson Fonseca nos dois últimos movimentos (2 e 3) da *Sonata para violoncelo e piano*. Para fechar a apresentação, o Quarteto Carlos Gomes – formado por Cláudio Cruz (violino), Adonhiran Reis (violino), Gabriel Marin (viola) e Alceu Reis (violoncelo) – interpreta o *Quarteto de Cordas Nº 3*, de Villa-Lobos.

Já no dia 16 de fevereiro, o programa segue com obras de Villa-Lobos, cujas composições representaram praticamente a totalidade das músicas apresentadas na Semana de Arte Moderna. No repertório, *Quarteto Simbólico (Impressões da Vida Mundana)* é interpretado por Liuba Klevtsova (harpa), Leandro Roverso (celesta), Claudia Nascimento (flauta), Douglas Braga (saxofone) e por um coro formado por vozes femininas. Já *Danças Características Africanas (octeto)* é revisitado por Cláudio Cruz, Amanda Martins e Soraya Landim (violinos), Raiff Dantas Barreto (violoncelo), Ana Valéria Poles (contrabaixo), Claudia Nascimento (flauta), Luca Raele (clarinete) e Leandro Roverso (piano), sob a batuta de Cláudio Cruz.



Robson Fonseca.

Arquivo pessoal



Quarteto Carlos Gomes.

João Salamandre



Ethel Braga

Liuba Klevtsova.



Arquivo pessoal

Amanda Martins.



Alto Manzano

Douglas Braga.

Ainda do compositor carioca, as canções para piano e voz sobre poemas de Ronald de Carvalho e Costa Rego Jr. recebem a interpretação de Homero Velho (barítono), Monica Salmazo (canto) e Ricardo Ballesterio (piano). Finalizam a programação do dia 16/2 as leituras de trechos da palestra *Arte Moderna*, de Menotti Del Picchia, e dos poemas Domingo, de Mário de Andrade; *Oeil de boeuf* (na versão em português), de Sérgio Milliet, e Os Sapos, de Manuel Bandeira. Todas elas feitas pelo ator Antonio Salvador.

“Ao realizar o box *Toda Semana*, concebido e organizado por Flávia Camargo Toni, Camila Fresca e Claudia Toni, o Sesc coloca em funcionamento e circulação uma nova ‘caixa de ressonância’ das ideias, experimentações e invenções aglutinadas e disseminadas pela Semana. Mais do que isso, condensa nas mídias que integram o presente box o espírito de novidade e transformação dos modernistas brasileiros de primeira onda, ao menos dos sudestinos, em suas expressões verbais, sonoras e musicais, audíveis depois de um século”, afirma Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo.

Toda Semana: Música e Literatura na Semana de Arte Moderna (Selo Sesc) está disponível gratuitamente para ser lido e ouvido na plataforma do Sesc Digital: sesc.digital/colecao/todasemana. E, a partir de 9 de fevereiro, o público também poderá ter contato com o material nas principais plataformas de streaming de música, além da obra em formato físico: um livreto contendo quatro CDs, disponível para venda na Loja Sesc, nas unidades da capital paulista, litoral e interior e também na loja virtual. Saiba mais: www.sescsp.org.br/selosesc.

Descentralizada e DIVERSA

EXPOSIÇÃO REÚNE OBRAS DE ARTISTAS DE DIFERENTES
ESTADOS DO PAÍS QUE PRODUZIRAM ARTE MODERNA



Danielle Fonseca. *Um céu partido ao meio*, 2021.
Filme 16:28 min. Coleção Danielle Fonseca



Catapultado pela Semana de Arte Moderna, o movimento modernista segue como objeto de estudo e reflexões cem anos após o festejado evento realizado no Theatro Municipal de São Paulo em fevereiro de 1922. A história da arte consagrou por muito tempo aqueles cinco dias protagonizados por escritores, músicos, pintores e intelectuais da elite paulistana como emblemáticos para essa corrente artística que rompeu com tradições eurocêntricas ao propor um presente, e um projeto de futuro, com base numa cultura brasileira. No entanto, ainda que muitos livros didáticos não tenham acrescentado, por ora, novas páginas ao capítulo dedicado à arte moderna no Brasil, cada vez mais pesquisadores desvelam o protagonismo de artistas modernistas de Norte a Sul do país que vinham produzindo já desde o final do século 19 até meados do século 20.

Essa reflexão é levantada pela exposição *Raio-que-o-parta: ficções do moderno no Brasil*, realizada pelo Sesc São Paulo, mostra que integra o projeto institucional *Diversos 22 – Projetos, Memórias, Conexões*, que discute as efemérides do Centenário da Semana de Arte Moderna e do Bicentenário da Independência do Brasil. Aberta ao público a partir de 16 de fevereiro, na unidade 24 de Maio, a exposição reunirá 600 obras de 200 artistas de diferentes estados brasileiros, sob curadoria de Aldrin Figueiredo (PA), Clarissa Diniz (PE), Divino Sobral (GO), Marcelo Campos (RJ), Paula Ramos (RS) e Raphael Fonseca (RJ), com consultoria de Fernanda Pitta (SP).

O nome que dá título, explica o curador-geral Raphael Fonseca, não deixa de ser uma provocação. É que “raio-que-o-parta” foi como se convencionou chamar um estilo arquitetônico encontrado em habitações construídas em Belém (PA), entre as décadas de 1950 e 1960. As fachadas dessas moradias – consideradas populares e improvisadas –, eram compostas por fragmentos de azulejos e pisos. “Sabendo que grande parte das pessoas que ergueram essas casas vieram da classe trabalhadora e muitas vezes, até hoje, não são creditadas pelo trabalho hercúleo e genial de composição e colorismo, trazer esse elemento para o título é uma forma de lançar luz para muitas pessoas invisibilizadas nesse amplo recorte do modernismo por não serem parte de uma certa aristocracia intelectual brasileira”, ressalta.

Para a curadora Clarissa Diniz, a proporção continental do Brasil também contribuiu para que outros protagonistas da arte moderna fossem deixados em segundo plano. “A importância dessa ampliação consiste no entendimento contracolonial de que também nossas próprias histórias (nacionais, regionais, locais) devem ser revistas, criticadas, ampliadas e transformadas na intenção de vislumbramos um horizonte menos desigual para o Brasil”, constata.





Haruo Ohara. *Cafezal pós geada.*
Ampliação digital (cópia de exibição).
Instituto Moreira Salles





▲ Voltaire Fraga. *Dançando o samba na Festa da Ribeira*, cerca de 1950. Ampliação digital (cópia de exibição). Galeria Roberto Alban

Múltiplas leituras

A fim de ampliar esse horizonte de entendimento da Arte Moderna brasileira – uma estética tão diversa quanto são as múltiplas culturas, sotaques e narrativas que compõem o país – a mostra é dividida em quatro núcleos. No primeiro, *Deixa Falar*, é feito um recorte da presença de personagens e de manifestações de povos originários, afro-brasileiros e minorias imigrantes, fator central na criação de uma ideia de arte moderna. Já o segundo núcleo, *Centauros Iconoclastas*, traz uma pujante produção que investiga as múltiplas possibilidades dos corpos, das animalidades, dos mitos e das metamorfoses, e como alguns artistas foram buscar outro fértil território ao se aproximarem da psicanálise. O terceiro, *Eu vou Reunir, Eu vou Guarnecer*, reúne obras que buscavam uma autonomia criadora em romances e telas, e que por meio de brincadeiras e cordões populares trilhavam o caminho do novo, do sentimento de identidade da aldeia e da metrópole.

Por fim, *Vândalos do Apocalipse*, que faz referência a um grupo literário formado por escritores paraenses e sua crítica aos parâmetros de progresso e desenvolvimento vigentes no país a partir de 1921, reconta e retoma as discussões sobre a verdadeira identidade nacional brasileira, engendrada na tradição colonial e na modernização territorial.

Nessa proposta de imergir no espaço e no tempo histórico e social das artes modernas brasileiras, Raphael Fonseca destaca outra semelhança à técnica raio-que-o-parta: “na descontinuidade e no excesso das fachadas, característica que também faz parte dessa exposição, que é como um quebra-cabeça infinito, onde sempre faltará uma peça, uma obra ou um artista”. Por isso mesmo, Clarissa Diniz deixa ao público uma reflexão: “e se o modernismo no Brasil fosse narrado a partir de outros marcos, outras datas, outros autores, outras obras, outras questões?”



▲ Alice Brill. Protesto contra remoção de favelas - Câmara dos Vereadores, Cinelândia, Rio de Janeiro. Ampliação digital (cópia de exibição). Instituto Moreira Salles

brasilien baut brasilia

47° 53' 49"

15° 43' 16"



15° 43' 16"

47° 53' 49"

interbau 1957 berlin

Romulo Fidalghi

ausstellung interbau 1957 berlin

▲ Mary Vieira. *brasilien baut brasilia*, 1957. Litografia. Coleção particular

Ação educativa

Além da mostra no espaço expositivo com cerca de 1.300 m², no quinto andar do Sesc 24 de Maio, localizado no centro histórico de São Paulo, serão oferecidas atividades em ambiente digital e ações educativas presenciais com educadoras/es e pesquisadoras/es que estão em constante diálogo com as produções artísticas brasileiras. A exposição também conta com recursos de acessibilidade, como audiodescrição, vídeo-guia em libras, recursos táteis e textos traduzidos para os idiomas português, inglês e espanhol.

Alvim Correa. ▶
Ilustração para
o livro “The
Earth Under
the Martians”.
Ampliação digital
(cópia de exibição)



Serviço

Raio-que-o-parta: ficções do moderno no Brasil

Quando: De 16/02 a 7/08, terça a sábado, das 10h às 20h30; domingo e feriado, das 10h às 18h*.

Local: Sesc 24 de Maio (5º andar), Rua 24 de Maio, 109 - Centro/SP (Próximo à estação de metrô República, linhas vermelha e amarela).

Agendamento de grupos: agendamento.24demaio@sescsp.org.br

Informações: www.sescsp.org.br/24demaio.

* Os horários de funcionamento podem sofrer alterações, conforme orientações sanitárias vigentes. Maiores de 12 anos deverão apresentar comprovante de vacinação contra Covid-19 (físico ou digital), evidenciando as duas doses, ou dose única.



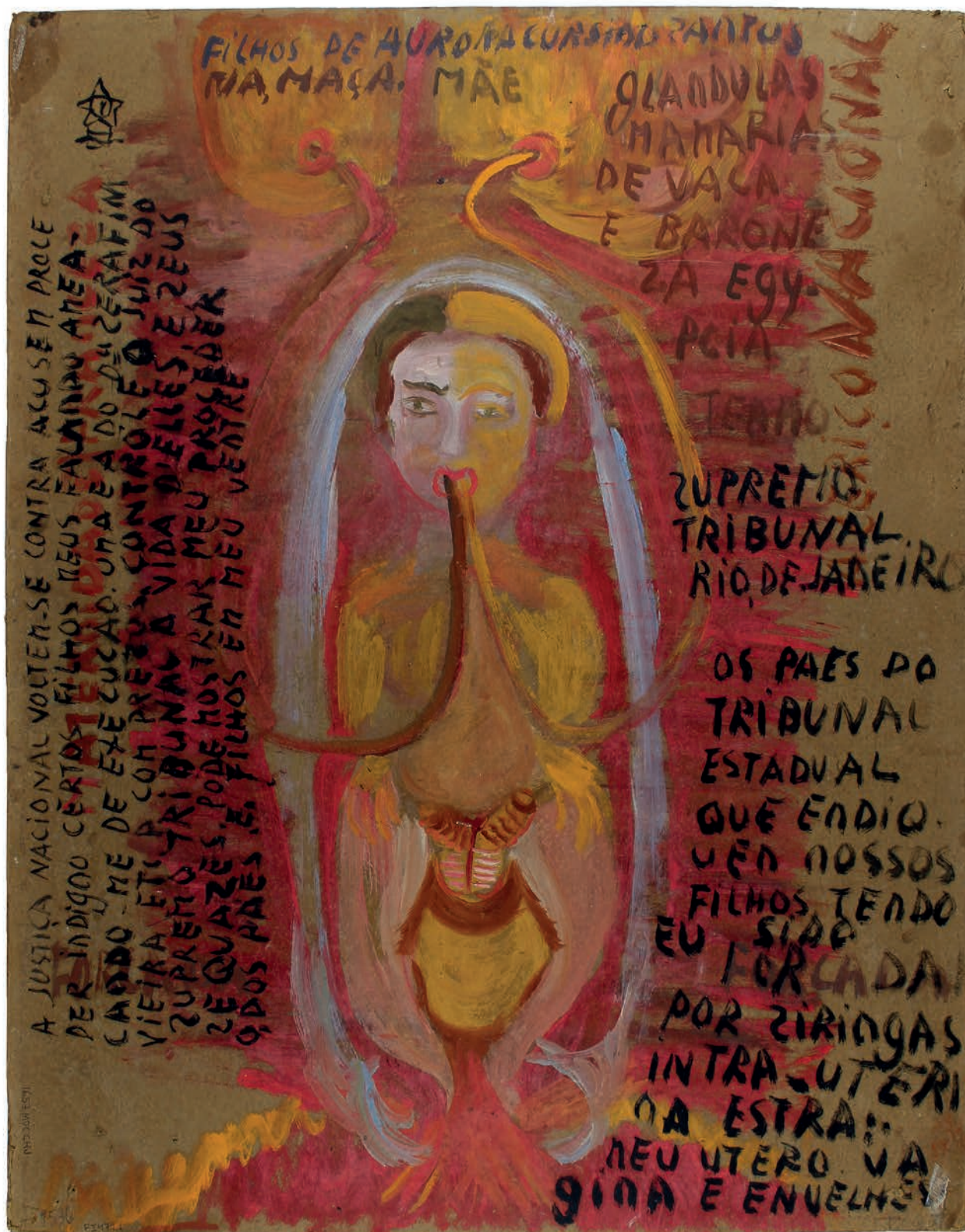
▲ Vicente do Rêgo Monteiro. *Motivo indígena*, 1922. Óleo sobre madeira. Coleção Airton Queiroz



▲ Ismael Nery. *Autorretrato com Adalgisa*, sem data. Óleo sobre tela. Coleção Airton Queiroz



▲ Jean-Pierre Chabloz. *Vida nova na Amazônia*, 1943. Impressão sobre papel.
Coleção Jean Pierre Chabloz, Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará



▲ Aurora Cursino dos Santos. Sem título, sem data. Óleo sobre papel. Coleção Museu de Arte Osório Cesar. Cortesia Complexo Hospitalar do Juquery e Prefeitura Municipal de Franco da Rocha





◀ Raimundo Cella. *Jangada para o mar*,
cerca de 1940. Óleo sobre tela.
Coleção Max Perlingeiro



▲ (Julio Ribas) Caraiba. Paz, sem data. Nanquim e Lápis de Cor sobre papel. Coleção Museu de Arte Osório Cesar. Cortesia Complexo Hospitalar do Juquery e Prefeitura Municipal de Franco da Rocha



...dios não queremos em creanças:—



Paiz



▲ José Antonio da Silva. Sem título, 1956. Óleo sobre tela. Coleção Vilma Eid





▲ Joaquim do Rego Monteiro. *América do Sul I*, 1927. Óleo sobre tela.
Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães - MAMAM



▲ Autor desconhecido. *Bornal do cangaceiro Português com caixa da farmácia acoplada*, 1938.
Brim grosso, bordado em ponto de matiz. Coleção Frederico Pernambucano



João Liberato

Tomie - 57



◀ Tomie Ohtake. Sem título,
1959. Óleo sobre tela.
Coleção particular



Toque do afroxié

Registro do show histórico no vão do MASP em que Daniela Mercury parou a Avenida Paulista e balançou as estruturas do edifício de Lina Bo Bardi.

HÁ TRÊS DÉCADAS O DISCO *O CANTO DA CIDADE* PROJETOU INTERNACIONALMENTE
A AXÉ MUSIC CONSOLIDANDO-SE NA HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA

Entre tantas ebulções culturais, a música é, sem dúvida, a expressão artística de maior alcance no Brasil. Democrática, ela pode se manifestar na batida sincronizada das palmas das mãos que acompanham uma voz que se modula em melodias. De maneira despreziosa, a música vai contando, em diferentes épocas, a história de uma geração atravessada por transformações políticas, econômicas e sociais. E nesse caldeirão de diferentes culturas que desembarcaram no país, principalmente vindas do continente africano, borbulha a axé music: estilo projetado internacionalmente pelo álbum *O canto da cidade*, da cantora baiana Daniela Mercury, que em setembro deste ano celebra 30 anos. Essa história é

revisitada pelo jornalista e pesquisador Luciano Matos no lançamento do quarto volume da coleção Discos da Música Brasileira, das Edições Sesc São Paulo.

A partir de entrevistas, jornais, livros e outros registros o autor de *O canto da cidade: da matriz afro-baiana à axé music de Daniela Mercury* (2021) conta de que forma o segundo disco solo da cantora “balançou as estruturas” e inaugurou uma nova era para aquela música baiana que já vinha ganhando corpo desde os anos 1980. Um movimento que, “com a guitarra de rock’n’roll, o batuque de candomblé, o balanço de samba-reggae, as belezas de afoxé e lambadas caribenhas” – como descreveu no prefácio o crítico musical e organizador da coleção, Lauro Lisboa Garcia –, ganhou o Brasil e o mundo.



Ornuard Alves/Folhapres

“O *canto da cidade* (...) foge mais ainda dos livros anteriores da coleção por falar sobre um disco que a maioria da crítica não considera como ‘clássico’. Há também em questão um estilo de música (basicamente carnavalesca), que passou a ser conhecida como *axé music*, para o qual a maioria torce o nariz”, explica Garcia. Assim com os outros três álbuns – *Da lama ao caos* (1994), *Acabou chorare* (1972) e *África Brasil* (1976) – que tiveram suas histórias narradas na coleção *Discos da Música Brasileira*, o livro de Luciano Matos integra um painel do momento histórico em que estas obras foram lançadas.

“Minha proposta ao coordenar essa coleção foi, a partir de determinados álbuns de grande repercussão, retroceder um pouco no tempo para mostrar do que eles resultam e também o que eles refletiram na estética e no mercado da época e o que ainda representam hoje”, explica o organizador dessa série.



Sidney Rochante/SecultBA

Referência para diferentes gerações da música brasileira e internacional, o Olodum, grupo que originalmente começou com um bloco carnavalesco e depois ganhou alcance como projeto sócio cultural, também deixa sua marca no disco *O canto da cidade*.

ATRÁS DOS BASTIDORES

Gravado na ponte aérea Salvador-Rio de Janeiro, o disco foi produzido por Liminha, ex-Mutantes que se consolidou como um dos mais importantes produtores musicais do país, responsável por álbuns de artistas consagrados, como Gilberto Gil, e da nova geração de meados da década de 1980, como Lulu Santos, Titãs e Os Paralamas do Sucesso. É Liminha, aliás, quem assina a produção do álbum *Da lama ao caos* (1994), de Chico Science & Nação Zumbi, cuja história ganhou o volume de estreia da coleção *Discos da Música Brasileira*, escrito pelo jornalista José Teles [[leia matéria Caranguejo Digital, na Revista E nº 272, de junho de 2019](#)].

Realizado de maneira coletiva, a partir do trabalho e do conhecimento de diversos profissionais da música, *O canto da cidade* é composto por 12 canções que até hoje são tocadas nas rádios e acessadas em plataformas de *streaming* de música. “Se a música baiana até então era tratada como regional e até “primitiva”, se os elementos percussivos originários dos blocos afro eram considerados meros batuques e sons do gueto, se os novos artistas que surgiam vindos da Bahia eram vistos como cafonas, Daniela virava a página e iniciava um novo capítulo naquela história”, escreveu Luciano Matos.



Até hoje, a cantora soteropolitana Daniela Mercury é reconhecida como a “rainha da axé music” pela repercussão do álbum “O canto da cidade”, lançado em 1992.

AUMENTA O SOM

Entre críticas negativas e positivas do meio musical, a repercussão das músicas interpretadas pela cantora baiana foi defendida por Zuza Homem de Mello (1933-2020). Em 2008, quando o disco completava 16 anos, o crítico musical disse em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*: “Com todas as deformações e os ataques sofridos, ela (a axé music) ainda tem a capacidade de fazer a juventude dançar. E de dançar música brasileira”. Importante mestre e referência no cenário cultural brasileiro, e autor de diversos livros sobre a história da música no país [*leia Perfil na Revista E nº 290, de dezembro de 2020*], Zuza ponderou: “Na minha adolescência, eu dançava samba-canção, e esse ritmo vivia sendo criticado”.

Sobre o fato dessa nova geração querer “dançar música brasileira”, Daniela Mercury conta que tinha consciência desse desejo acompanhado pelo novo momento da política e da cultura que se desenhava no ano do lançamento do disco. “O contexto político me favoreceu. Em 1992, passou aquela minissérie na televisão, *Anos Rebeldes*; junto com o *impeachment* de Collor, o Brasil se abriu para a democracia e a juventude começou a se interessar mais pelo que era brasileiro. Os jovens queriam uma música mais brasileira, começaram a demandar isso e eu apresentava isso. Porque não adianta, às vezes, você estar fazendo uma ótima música num contexto histórico errado”, disse a cantora em entrevista ao autor do livro.

A partir do êxito desse disco – que surpreendeu até a diretoria da gravadora que não acreditou muito nele, segundo Lauro Lisboa Garcia –, Daniela Mercury levou diversas inovações para a avenida nos carnavais de Salvador, com várias cantoras seguindo esse caminho. “Ivete Sangalo e Claudia Leite vieram na trilha dela dentro da música de carnaval da Bahia que se alastrou

além das fronteiras brasileiras. E cantores/cantoras como Pablo Vittar, Silva, Johnny Hooker e MC Tha revelaram em entrevistas a Luciano (Matos) influências que incluem o *mise-en-scène* impactante, além da estética sonora pop de Daniela. E isso tudo começou com esse disco”, ressalta Garcia.

O canto da cidade se tornou um dos discos mais importantes da axé music, da produção artística baiana mais recente e também da música brasileira produzida dos anos 1990 para cá. Um marco que mudou expectativas e comportamentos da indústria fonográfica brasileira diante dos novos sons ecoados da Bahia para o mundo. “Esse álbum jogou mais luz sobre as bases afro-baianas (que, sabemos, cativou até astros internacionais como Michael Jackson, Paul Simon e David Byrne) da qual todos os expoentes da chamada axé music se valeram para fazer sucesso”, complementa o organizador da coleção.

LUCIANO MATOS FOI A FUNDO EM MUITAS HISTÓRIAS DE BASTIDORES ESCLARECEDORAS, CONTADAS A PARTIR DE DIVERSAS E IMPORTANTES ENTREVISTAS COM COMPOSITORES, MÚSICOS E A PRÓPRIA CANTORA-COMPOSITORA, QUE NÃO POR ACASO ASSUMIU O TRONO DE “RAINHA DO AXÉ”

LAURO LISBOA GARCIA, crítico musical e organizador da coleção *Discos da Música Brasileira* (Edições Sesc São Paulo, 2021)



Divulgação

PIPOCA NAS RUAS E NO SOFÁ

Alternando depoimentos, fotografias e registros audiovisuais de shows, o documentário *Axé – Canto do Povo de Um Lugar* (2016), do cineasta baiano Chico Kertész, também traz a história da música baiana que brotava de diversos encontros e manifestações artísticas para culminar na, então, batizada como axé music. Entre os entrevistados que contam essa história estão Caetano Veloso, Gilberto Gil, Vovô do Ilê, Daniela Mercury e Luiz Caldas, além de outros cantores, músicos, produtores, radialistas e jornalistas. Disponível em plataformas de *streaming* sob demanda. Saiba mais: <http://axeofilme.com.br>.

Compasso baiano

Leia um trecho do livro digital *O Canto da Cidade - Da matriz afro-baiana à axé music de Daniela Mercury* (2021), da coleção *Discos da Música Brasileira*, Edições Sesc São Paulo

Um show da cantora Daniela Mercury no vão livre do Museu de Arte de São Paulo (Masp) para 30 mil pessoas encerrou ontem o Projeto Som do Meio-Dia, na avenida Paulista. Segundo a Secretaria da Cultura, a estrutura do prédio e as obras do acervo corriam risco [trecho retirado da matéria “Balanço ao meio-dia”, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 6 de junho de 1992].

Foi assim que o jornal *O Estado de S. Paulo* tratou a histórica apresentação da cantora baiana Daniela Mercury no dia 5 de junho de 1992. Naquela tarde de outono, a multidão dançou e pulou tanto que teria havido risco de se afetar a constituição física do museu. Aquele não era o primeiro show da cantora fora da Bahia, nem ela era a primeira artista baiana que mostrava na cidade mais populosa do país o que estava acontecendo nas ruas e no Carnaval de Salvador. A apresentação era, porém, um dos marcos que a axé music viveria naquele ano de 1992, além de ser um ponto de virada na carreira da própria cantora.

Daniela já estava com contrato assinado para o primeiro disco com a megacorporação Sony, depois de três álbuns lançados pela pequena Eldorado, dois com sua banda Companhia Clic e seu primeiro álbum solo. Aquele 5 de junho de 1992 indicava que ali não havia apenas mais uma nova cantora da Bahia, mas uma artista com capacidade de alcance muito maior do que Sarajane, Luiz Caldas, Banda Mel ou Banda Reflexu's, todos eles autores de grandes sucessos nacionais.

Nos corredores da Sony, Daniela já causava enorme burburinho. Era tratada como grande aposta da gravadora para estourar nacionalmente e elevar a outro patamar a produção que acontecia no fértil cenário musical da Bahia daquele início dos anos 1990. O primeiro disco pela Eldorado já havia causado bastante barulho, especialmente no Norte-Nordeste, com o enorme sucesso de “Swing da cor”, de Luciano Gomes, que unia definitivamente a destreza pop da axé music com a força percussiva do Olodum.

Em *O canto da cidade*, a cantora aprofundou suas pesquisas e apostas, batendo de frente com a própria gravadora, sob a batuta de um experiente e bem-sucedido produtor. Liminha foi o responsável por aparar arestas, alinhar a rítmica baiana com um tempero pop e transformar aquela sonoridade tão tipicamente baiana em algo mais universal e palatável. Ao mesmo tempo que era uma continuidade da música afropop baiana que já vinha sendo produzida, o disco era uma novidade por reunir e mesclar elementos de forma ainda não vista e com um nível de produção inédito.

[...]

Na história da axé music e dos ritmos que aquele então novo mercado aglutinava, *O canto da cidade* não foi o disco mais vendido. Tampouco é considerado pela crítica o melhor álbum do gênero, nem mesmo o melhor da própria Daniela. Não foi o primeiro a fazer sucesso e a ultrapassar marcas impressionantes no país. Não foi o que reuniu mais hits ou o que o público brasileiro aprendeu a cantar de cabo a rabo. *O canto da cidade*, porém, foi sem dúvida um dos mais importantes álbuns não só da axé music e da produção baiana recente, mas da música brasileira nos últimos trinta anos.

*Assista à entrevista com o escritor Luciano Matos e saiba mais: https://portal.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc/1054_O+CANTO+DA+CIDADE+DA+MATRIZ+AFROBAIANA+A+AXE+MUSIC+DE+DANIELA+MERCURY#/tagcloud=lista



Divulgação

Ilustrações: Lyse Costa/Freepik



Positividade **TÓXICA**

Mensagens e imagens disseminadas diariamente pelas redes sociais reforçam: “Olhe para o lado bom das coisas”; “Ignore a tristeza e siga em frente”; “Seja positivo”. Ditas assim, parecem inofensivas ou até mesmo encorajadoras. No entanto, quando impostas a todos e em todo e qualquer episódio da vida, elas podem revelar o que está sendo estudado e foi denominado por especialistas da área da saúde como “positividade tóxica”. “O pensamento positivo é mais do que um estilo de vida, é um negócio que há muito tempo movimenta milhões, desde comunidades ditas alternativas até perigosas seitas, workshops ou vivências, cursos transformadores ou livros de autoajuda, presentes em massa nas grandes cadeias de livrarias e, mais recentemente, todo tipo de tutoriais online”, observa o psicanalista Paulo Carvalho, professor de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E este fenômeno, como destaca Carvalho, foi potencializado pelas redes sociais, “onde mostrar-se é muito mais importante do que realmente ser”. Nessa cultura, ressalta o professor do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP) Daniel Kupermann, “os incomodados, aqueles que não gozam da vida que têm, são rapidamente considerados doentes, sutil ou explicitamente afastados dos holofotes da visibilidade e convidados a tratar da sua *negatividade* com medicamentos e psicologias positivas”. Como delimitar as fronteiras entre o agir conscientemente de maneira positiva e o agir de forma negacionista em prol de um comportamento “positivo”? Afinal, o que é a positividade tóxica?



Positividade Tóxica: o que é e por que nos afeta?

POR PAULO CARVALHO

Não há dúvida de que uma atitude positiva e otimista pode ser saudável. A alegria já foi considerada por médicos e filósofos como um afeto poderoso, um antídoto para a tristeza e a dor, e até mesmo uma virtude. Mas só quando se trata de uma alegria genuína, um estado de fato experimentado. O problema é quando essa atitude se torna uma obrigação, independente do que realmente se sente. Essa crença que um inabalável estado feliz e otimista é alcançável, saudável e adequado mesmo diante das dificuldades da vida tem sido chamado de *positividade tóxica*.

No fundo, a positividade tóxica se refere ao estabelecimento de mais um padrão de normalidade, que causa sofrimento e consequentemente estresse. Segundo o filósofo francês Georges Canguilhem, sempre que uma norma é estabelecida, há um julgamento de valor virtual. Neste caso, o polo positivo, que abarca valores desejáveis como a vida saudável, a prosperidade e a felicidade plena, é definido em oposição ao outro polo, o negativo, no qual são despejadas as experiências humanas, desvalorizadas pela sociedade. Dito de outro modo, essas últimas não são necessariamente experiências negativas em si, mas assim definidas numa relação com a norma.

Já a positividade não passaria de um tipo ideal ou uma referência sem realidade empírica, cuja única razão de ser é estabelecer um parâmetro mais elevado do que a existência. A finalidade desse parâmetro é, na maioria das vezes, motivar algum tipo de consumo: cartilhas do bem viver, mas também roupas e acessórios, aparelhos eletrônicos, procedimentos estéticos, bens que são símbolos de status, experiências *vip*, entre outras promessas de felicidade.

O pensamento positivo é mais do que um estilo de vida, é um negócio que há muito tempo movimenta milhões, desde comunidades ditas alternativas até perigosas seitas, workshops ou vivências, cursos transformadores ou livros de autoajuda, presentes


em massa nas grandes cadeias de livrarias e, mais recentemente, todo tipo de tutoriais online. Assim, não se trata de um fenômeno criado pelas redes sociais, mas sobretudo potencializado por elas, onde mostrar-se é muito mais importante do que realmente ser.

IDEIA DE SUCESSO

Além disso, mostrar-se sempre positivo coaduna com a exigência de produtividade, típica da sociedade capitalista e, de modo particularmente especial, com o *american way of life* (estilo de vida americano). Positivo é sinal de bem-sucedido e, segundo essa lógica, também atrairia o sucesso. A atitude sempre positiva seria, portanto, aquela própria dos vencedores. Essa ideia recobre não apenas os privilégios e as condições materiais de base, como também os esforços e sacrifícios feitos em nome dessa mesma prosperidade. Otimismo dificilmente substitui formação acadêmica de qualidade, cursos de especialização e atualização, rede de contatos profissionais, disciplina, muitas horas dedicadas ao trabalho etc.

Pode-se cogitar, inclusive, sobre uma espécie de pensamento mágico fantasioso: “Basta pensar positivo que tudo ficará bem”; “Basta parecer feliz e saudável que assim serei”. Tal atitude positiva, em princípio, não faz mal, mas também não substitui o cuidado de si necessário para preservar, aumentar ou restabelecer a saúde, por exemplo.

Parece que está em jogo o chamado princípio do prazer, segundo o qual tudo que causaria algum tipo de desprazer seria motivo de fuga ou negação. Contudo, a repressão psíquica de desejos e sentimentos exige um alto dispêndio de energia e, muitas vezes, o conteúdo reprimido acaba retornando na forma de sintomas, como já nos ensinou Freud, há mais de cem anos. Ou seja, reprimir sentimentos considerados negativos, como raiva e tristeza, pode ser muito nocivo à saúde mental, com efeitos nefastos também para a saúde do corpo.




REPRIMIR SENTIMENTOS CONSIDERADOS NEGATIVOS, COMO RAIVA E TRISTEZA, PODE SER MUITO NOCIVO À SAÚDE MENTAL, COM EFEITOS NEFASTOS TAMBÉM PARA A SAÚDE DO CORPO

ABRAÇAR O DESCONFORTO

A tristeza, por mais desagradável que seja, pode ser a expressão de uma necessidade psíquica. Está intimamente relacionada ao luto. E o luto é uma reação normal e necessária à perda de uma pessoa querida, ou mesmo da pátria, da liberdade ou de um ideal. Como não se entristecer, pelo menos um pouco, quando estamos rodeados de tantas perdas humanas durante uma pandemia tão arrasadora, como a que vivemos atualmente?

É quase como se vivêssemos num cenário onde é proibido estar triste. Entretanto, a tristeza ou negatividade que preocupa é aquela excessiva e permanente ou quando chega a impedir a realização das atividades cotidianas. Ela não deve ser ignorada ou soterrada por uma infinidade de práticas esportivas da



moda, compras frenéticas, festas “hypadas” ou viagens a localidades “instagramáveis”. Pelo contrário. Eis aí um sinal que é necessário procurar algum tipo de ajuda psicológica.

Outro problema desse tipo de compartilhamento massivo de um ideal positivo inalcançável é que as pessoas tendem a se comparar umas com as outras. As mídias sociais não são o único meio, mas se tornaram um recurso praticamente irresistível para uma constante comparação que pode gerar muito sofrimento. Como aceitar seus momentos menos positivos quando outros exalam tanta felicidade?

Numa cultura em que não se pode demonstrar os afetos genuínos, as pessoas, mesmo constantemente expostas, sentem-se profundamente solitárias. É muito comum escutar no consultório, dos pacientes em análise, que eles só podem realmente se abrir, falar de determinados assuntos que os angustiam ali nas sessões, pois seus seguidores, contatos, colegas, amigos e até mesmo familiares não toleram afetos negativos e logo recomendariam que eles reforçassem sua atitude positiva. Assim, esse ideal compartilhado, ao invés de cumprir o que promete, acaba se tornando mais um motivo de solidão e sofrimento. ■

PAULO CARVALHO é psicanalista de jovens e adultos, professor do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e autor de vários trabalhos sobre psicanálise, epistemologia e história dos tratamentos psicológicos.



A positividade tóxica e seus destinos - Negacionismo, narcisismo e recusa da empatia

POR DANIEL KUPERMANN

Há décadas as seções de “autoajuda” das livrarias ao redor do mundo são as mais concorridas. Com as vendas *online*, a literatura que nos ensina a fazer amigos, liderar equipes de trabalho, emagrecer, comunicarmo-nos sem mal-entendidos, conquistar amantes, manter casamentos e enriquecer, continua sendo um sucesso. Esse fenômeno é sincrônico com o estágio avançado do capitalismo que vigora em nossas sociedades, o neoliberalismo, que tem como balizas subjetivas as concepções de que o indivíduo é o responsável único pelo seu sucesso – necessitando ser um verdadeiro “empreendedor de si” –, e que esse mesmo sucesso tem como métricas a popularidade e a riqueza, segundo as quais é definido o valor merecido por cada um de nós.

Com o advento da internet e com a disseminação ilimitada das redes sociais esse fenômeno foi bastante incrementado. Se os livros de autoajuda – ou os *tablets* que os continham – eram acessados na cama antes de dormir ou em momentos de lazer ou inação, como o tempo despendido em transportes públicos ou aviões, as redes sociais se imiscuíram em todos os minutos em que olhamos para a tela de um celular. Ou seja, somos bombardeados ininterruptamente por imagens de pessoas mais ou menos conhecidas “desfrutando” as delícias da nossa vida civilizada. Fotografias de pratos apetitosos, *selfies* de gente ativa, magra e saudável correndo ou malhando, de aglomerações festivas nas quais reluzem multidões de dentes clareados, de lolitas expondo sua beleza executando coreografias a um passo da pornografia.

Desse modo, um antropólogo extraterrestre que tomasse conhecimento dos habitantes do planeta neste início do século 21 por meio do *Instagram* e do *TikTok* provavelmente pensaria que se deparou com uma espécie imortal, imune à doença e à dor, que se dedica a celebrar um novo Deus da alegria que habita as mãos de cada terrestre na forma de um retângulo luminoso e, por vezes, barulhento.

Se o parágrafo acima roubou um sorriso do leitor, é porque foi bem-sucedido em ilustrar – de forma caricatural, evidentemente – o fenômeno da *positividade tóxica* que caracteriza a cultura contemporânea globalizada, na qual somos exigidos

ao trabalho ininterrupto para, como recompensa, consumir os bens que nos são por ela oferecidos e que têm como propósito promover a felicidade perene. Nessa cultura os incomodados, aqueles que não gozam da vida que têm, são rapidamente considerados doentes, sutil ou explicitamente afastados dos holofotes da visibilidade e convidados a tratar da sua *negatividade* com medicamentos e psicologias positivas, evitando qualquer risco de contaminarem a onda de felicidade que assola o parque de diversões neoliberal.

Um exemplo para tornar mais claro o problema é o do célebre personagem da nossa cultura cômica popular, o Juquinha, aquele aluno que sempre constrange a professora com obscenidades no final da piada. Ora, o mote dessas anedotas é o conflito inexorável indicado por Freud entre os sacrifícios impostos pela vida civilizada – representada pela autoridade da professora – e os desejos insatisfeitos de cada um de nós, encarnados pelo Juquinha.

No cenário atual, o mais provável é que o Juquinha fosse diagnosticado com TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) e medicado com Ritalina! Sim, nas nossas sociedades contemporâneas o aluno se tornou um consumidor e deve escolher, avaliar e aprovar a escola. E aí daquele que decide não querer “amar” a vida escolar... A positividade tóxica começa a ser ensinada bem cedo às nossas crianças.

DA PREGUIÇA AO CANSAÇO

O filósofo sul coreano Byung-Chul Han descreveu o fenômeno segundo o qual a sociedade de desempenho contemporâneo nos exige uma vigília e uma dedicação permanente à nossa persona pública. O sujeito contemporâneo teria incorporado uma instância de auto avaliação bastante severa tornando-se uma espécie de patrão de si mesmo – uma exacerbação do que Freud chamou de superego tirânico ainda na primeira metade do século 20. De fato, vive-se com o sentimento de uma espada sobre a cabeça; com os estados nacionais cada vez mais submetidos à lógica do mercado, deixamos de confiar no amparo e na segurança social, o que aumentou consideravelmente o sentimento de angústia e desalento, tornando-nos escravos do nosso próprio esforço e desempenho.

PERCEBE-SE QUE A POSITIVIDADE TÓXICA NEGACIONISTA INCREMENTA O NARCISISMO DE TODOS E COMPROMETE A EXPERIÊNCIA DA EMPATIA NO NOSSO TECIDO SOCIAL

Com a pandemia da Covid-19, o que foi, no início, a promessa de um distanciamento das injunções sociais se tornou o pesadelo, uma intrusão inédita para aqueles que puderam permanecer e trabalhar em casa. Os universos da escola e do trabalho invadiram o espaço antes protegido da casa, e o número de horas dedicadas às tarefas públicas aumentou consideravelmente.

E-mails e whatsapps eram enviados a qualquer hora do dia e da noite, fins de semana e feriados foram desconsiderados.

A presença do trabalho recaiu sobre nós como se fosse uma entidade sobrenatural onipresente, e a queixa de cansaço passou a ser escutada diariamente. Nesse sentido, o que Byung-Chul Han descreveu antes da pandemia se tornou profecia: o *burnout*, antes restrito às empresas, invadiu a vida privada de crianças e adultos, configurando uma verdadeira *sociedade do cansaço*.

O Brasil de Mário de Andrade, que tinha na preguiça uma virtude anticolonial e anticristã, se tornou símbolo mundial de uma nação exaurida pelo acréscimo de sofrimento causado pelo negacionismo institucionalizado e pela confusão geral provocada pelas declarações irresponsáveis do presidente e de membros do governo, que dificultam, se não impedem, o trabalho de luto de milhares de cidadãos que perderam parentes e amigos dentre as mais de 600 mil mortes de brasileiros causadas pela Covid-19.

NEGACIONISMO, NARCISISMO E RECUSA DA EMPATIA

De fato, como realizar o penoso trabalho de luto quando estamos imersos em um ambiente negacionista? O negacionismo é a mais recente e nefasta figura da positividade tóxica; e também a mais letal. Ao menosprezarem, como estratégia para se desresponsabilizarem das suas funções públicas, o potencial mortal do novo coronavírus e a importância das medidas sanitárias de proteção, os discursos proclamados por membros do governo brasileiro tiveram como efeito perverso a responsabilização e a culpabilização das vítimas, de acordo com o mecanismo da identificação com o agressor formulado pelo psicanalista Sándor Ferenczi.



Ou seja, as pessoas adoecidas pela “gripezinha”, bem como seus familiares, experimentaram um “mais-sofrimento” por estarem doentes (e por morrerem, se fosse possível a um morto sentir culpa ou vergonha), como uma espécie de reificação tupiniquim da “seleção natural” darwiniana, segundo a qual as espécies menos adaptadas merecem desaparecer em prol do triunfo das mais adaptadas. Esse fenômeno dificulta a elaboração das perdas – que foram muitas, não apenas de vidas, mas de empregos, relações pessoais etc. – e do trabalho de luto necessário àqueles para os quais a vida continua e deve retomar seu curso criativo.

Nesse sentido, percebe-se que a positividade tóxica negacionista incrementa o narcisismo de todos e compromete a experiência da empatia no nosso tecido social. Recapitulando o que vimos com relação ao *way of life* (estilo de vida) positivo tóxico imposto pela ordem neoliberal: se todo sucesso ou fracasso é concebido como mérito individual, se não temos com quem contar senão com nós mesmos, se o Estado se desresponsabiliza pelos cidadãos mais vulneráveis, se as perdas ou mesmo a morte é experimentada como fracasso pessoal, nossa sensibilidade em relação ao sofrimento do outro se vê bastante diminuída. Afinal, seu sofrimento é naturalizado como efeito previsível da sua incompetência, enquanto o nosso sucesso é o resultado do nosso mérito pessoal. Isso até que o espelho da positividade neoliberal nos faça reconhecer no outro, nós mesmos, amanhã. ■

DANIEL KUPERMANN é Professor Livre Docente do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi, e vice-presidente da Comissão de Cooperação Internacional do IPUSP.

TEATRO, sujeito coletivo

DRAMATURGO E DIRETOR FALA DE SEU TRABALHO À FRENTE DO CLOWNS DE SHAKESPEARE (RN), DA REINVENÇÃO DO GRUPO NA PANDEMIA E DA CENA TEATRAL IBERO-AMERICANA

Um dos fundadores da companhia **Clowns de Shakespeare**, criada (e com sede) em Natal, onde atua há quase 30 anos, o paulistano Fernando Yamamoto se reveza nas funções de dramaturgo, diretor, pesquisador, professor, gestor e tradutor. Seus estudos transitam por universos como o teatro popular, a comicidade, a rua e as experiências latino-americanas. Entre os diversos prêmios que acumula ao longo de sua carreira, destaca-se o APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) pela direção de *Fábulas* (2007). Também já ministrou mais de cem oficinas e laboratórios em diferentes estados do Brasil e em países vizinhos como Peru, Colômbia, Bolívia, Uruguai e Equador. “Sou arquiteto de formação, mas nunca projetei nem uma casinha de cachorro”, brinca. O interesse pelas artes cênicas começou ainda na infância, quando voltava à capital paulista para passar férias na casa da avó e ia a uma livraria para comprar livros e mais livros sobre teatro. “Eu estava no último ano da escola, em 1992, quando um professor de literatura me convidou, por telefone, para montarmos a primeira peça. Respondi: ‘Ué, vamos!’ Fui o mais despretensioso possível, sem ter ideia de que aquilo mudaria a minha vida toda”, recorda. A companhia foi batizada em homenagem a um poema de Manuel Bandeira (1886-1968) chamado *Poética*, que fala sobre os *clowns* de Shakespeare – mas, àquela altura, a trupe ainda não tinha a menor ideia do que era um *clown*, muito menos quem havia sido Shakespeare (1564-1616). Neste *Encontros*, Fernando Yamamoto fala sobre a criação e obras do Clowns de Shakespeare, desafios na pandemia e as repercussões da **Ocupação Mirada 2021**, realizada pelo Sesc São Paulo em novembro do ano passado na cidade de Santos, sempre com uma lupa voltada para a criação ibero-americana contemporânea.

SHAKESPEARE REVISITADO

Shakespeare é, possivelmente, o maior dramaturgo da História, talvez o maior escritor. Se não “o”, um dos. Como o crítico Harold Bloom diz no livro *Shakespeare: a Invenção do Humano* (1998), ele realmente aponta questões que garantem uma universalidade para sempre. Shakespeare dialoga com qualquer ser humano de qualquer tempo ou lugar. Mas, para fazer sentido trabalhá-lo, a gente precisava se apropriar dele. Achamos que, se estivesse vivo, ele ficaria muito feliz com a forma como o relemos. E ficaria muito triste ao ver montagens que tentassem adotar uma postura elisabetana [*teatro feito durante o reinado de Elisabeth I da Inglaterra, de 1558 a 1603, inspirado nos circos da época, com improvisos ao ar livre*] com que o teatro dele que é feito no Brasil, no

século 21. Falaria: “Qual o sentido de fazerem isso?”. Ele era um homem que escrevia para as pessoas do seu tempo até pela urgência econômica – era um homem de teatro que vivia disso e precisava fazer trabalhos, disputando público, concorrendo com “rinhas de cachorros contra ursos”. Então, tinha que ser um troço com pegada popular e não essa coisa distante. E (o autor) é muito mais importante neste momento em que estamos na América Latina, de entendimento da necessidade de uma atitude contracolonial. A gente precisa rever isso: pegar Shakespeare e antropofagizá-lo, transformá-lo, comê-lo, vomitá-lo. Estabelecer uma outra relação com ele, sem abrir mão da potência poética, da força, mas dialogando, de fato.



Maurício Rêgo

* **FERNANDO YAMAMOTO** esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 8 de dezembro de 2021.

CENA POTIGUAR

Pensar em fazer teatro profissional em Natal, viver de teatro, era uma coisa impossível. Era muito mais uma brincadeira, uma experiência casual. Só que, ao longo do tempo, isso foi mudando e não parei mais. Me identifiquei com o teatro, me conectei e me encontrei nesse lugar. Sobre se estruturar enquanto grupo, na maior parte do Brasil profundo, esta é uma questão de sobrevivência, a única possibilidade de trabalhar. Há quase 30 anos, a capital do Rio Grande do Norte era uma cidade marginal em termos de artes cênicas, mesmo no contexto nordestino. A gente não tinha acesso à informação nem à formação. No grupo tinha: bióloga, físico, publicitário, jornalista... De tudo. Por várias questões, só não tinha gente que havia feito teatro. Era mais um hobby. Com o tempo, a formação foi acontecendo pelos encontros. Íamos a tudo que era festival. Os grupos reconhecidos (Galpão, Parlapatões, Folias D'Arte), quando vinham para o Nordeste, iam para Recife, às vezes João Pessoa e pulavam para Fortaleza. A gente estava sempre “debaixo da ponte”. Tinha que fazer bate-volta de carro para ver as companhias. Acabava o espetáculo, íamos conversar com o pessoal, esperar um convite para jantar. Uma vez, fomos (como espectadores) ao Festival Internacional de Teatro de Rio Preto (SP) e um jornalista da *Folha de S.Paulo* publicou uma notinha sobre a gente, porque ele não acreditou que a gente tinha saído de Natal só para ver as peças. Depois de um ano, a gente entrou na programação desse mesmo festival com *Muito Barulho Por Quase Nada* – nosso primeiro espetáculo que realmente circulou. Dois, três meses depois, a gente já estava fazendo uma temporada no Teatro Anchieta (no Sesc Consolação), naquele templo sagrado.

PROCESSO COLABORATIVO

A horizontalidade é um princípio da nossa relação como grupo. A gente sempre faz parcerias, inclusive com diretores e diretoras, porque esse é o nosso lugar de oxigenação, de não ficar sempre no mesmo lugar. Essa proposta tem a ver com a formação do grupo, que não é clássica. Todo mundo começa do zero

SHAKESPEARE
DIALOGA COM
QUALQUER SER
HUMANO DE
QUALQUER TEMPO
OU LUGAR

juntos, com a mesma idade e quase nenhuma experiência em teatro. Em muitos momentos, principalmente lá no início, me senti desautorizado. Mas, algo que para mim era uma coisa difícil de aceitar, hoje é absolutamente compreensível. Por mais que a gente nunca tenha trabalhado com uma hierarquização das funções, existe uma coisa do diretor como a pessoa que dá a palavra final, que tem um olhar de fora. Então, acho que de alguma forma a gente acabou aprendendo um pouco na marra. Eu sou praticante de aikido, e em qualquer arte marcial você começa aprendendo a cair. A gente vai aprendendo pelas dores. Acho que assim encontramos uma maneira coletiva de dialogar com as pessoas do grupo, que se formaram juntas como artistas e que ocupam diferentes lugares na engenharia da criação, sem que isso signifique “um saber mais que o outro”.

CONTEXTO LATINO-AMERICANO

A forma como o teatro latino-americano se estrutura é muito particular. Todos os pesquisadores relatam a aproximação dos grupos brasileiros com o Odin [*Odin Teatret foi fundado em 1964 em Oslo, na Noruega, pelo diretor italiano, criador da antropologia teatral*] Eugenio Barba, como um momento de mudança desse paradigma, nas estruturas de formação dos coletivos. A gente tem o Théâtre du Soleil como uma referência também. Nossa estrutura é sempre muito eurocêntrica – sem desmerecê-la, porque há coletivos maravilhosos –, mas essa referência tem uma conformação muito distinta da nossa. Os grupos (latino-americanos) começam a surgir das ditaduras em todo o continente, entre as décadas de 1960 e 1980. Isso acabou sendo um fator de conformação a respeito de como esses grupos trabalham. La Candelaria e o Teatro Experimental de Cali (ambos da Colômbia), por exemplo, são referenciais no aspecto dessa estrutura de criação coletiva. Acho que, em geral, a forma de coletivizar nossos processos na América Latina passou um pouco, num primeiro momento, por uma resposta política.



Rafael Telles

Feito para o formato online, a obra cênica “CLÁ_DESTIN@” estreou em julho de 2020.

NOVOS FORMATOS

Quando a gente ia começar a criar um novo trabalho, a partir de uma experiência na Colômbia, veio a pandemia. Seria um trabalho de rua, com itinerância, em que os atores cantam, tocam, correm, se deslocam... Como é que a gente faria isso pela internet? Desde o começo da pandemia, a gente decidiu respeitar o isolamento à risca. A gente parou e achou, como todo mundo, que isso iria durar 15 dias, dois meses no máximo. Só que o tempo foi passando, e ficou difícil de seguir. O Clowns de Shakespeare conseguiu encontrar uma resposta: mesmo que não tenha sido planejada, pensada, fomos reconfigurando nossa cartografia no dia a dia, recalculando a rota. Nesse meio-tempo, algumas experiências de criações online começaram a surgir e nos interessaram. A partir disso, a gente começou a experimentar a criação de um trabalho específico para a relação remota e conseguiu encontrar um caminho muito próprio nessa pesquisa. O eixo principal de tudo o que a gente fez durante a pandemia foi pensar no que pode ser definido como essencial ao teatro, encontrar equivalências para a experiência remota. “O que tinha no teatro que a gente gostava de fazer e assistir antes?” A resposta é muito ampla, mas seria um teatro capaz de mobilizar o espectador, de mantê-lo focado. Que não seja uma produção “de cortar legumes”, ou seja, aquele teatro que, mesmo tendo atores incríveis, se matando do outro lado para fazer ao vivo, não mobiliza. Num bom teatro, seja de sala ou de rua, eu entro ali na frente e nada me atrapalha. Se estou envolvido numa obra e começa a tocar o celular, eu desligo (o aparelho). Então, a gente começou a buscar uma relação próxima a essa, para emular essa experiência com o público online.

OUTRA LINGUAGEM

Tem um trabalho do Lázaro Gabino, diretor do grupo mexicano Lagartijas Tiradas al Sol, que faz uma provocação maravilhosa: *Cada vez que alguém diz “isso não é teatro”, uma estrela se apaga*. Paradoxalmente, essa é uma obra muito audiovisual, pouco teatral. E a provocação é exatamente essa. Ele parte justamente de pensar o que é o teatro. Como se essa fosse uma questão fácil de ser resolvida. O teatro online não tem a obrigação de ser sempre como o presencial, não vai substituí-lo. Eu passei muito tempo nessa discussão lá no começo da pandemia, e num primeiro momento eu o negava radicalmente, com muito medo de que aquilo acabasse acomodando o olhar do público, dos programadores. Isso agora não é teatro como a gente conhecia, mas também não é audiovisual como a gente conhece. Se fizermos uma análise muito estrita, vamos ver que não é nenhuma das duas coisas, mas uma linguagem que a gente ainda está desenvolvendo. Nosso grupo, por exemplo, só criou espetáculos ao vivo, e houve alguns festivais em que não pudemos nos inscrever porque só aceitavam trabalhos gravados. Então, aquela pedra fundamental do teatro – que diz que essa é uma arte efêmera –, até isso está caindo por terra. Se é teatro ou não, os pesquisadores vão definir daqui a um, cinco, dez anos.

QUATRO OBRAS RECENTES

Durante a pandemia, a gente desenvolveu quatro trabalhos: *CLÁ_DESTIN@: uma viagem cênico-cibernética*, que estreou em julho de 2020; *L.A.A.A.T.I.N.A. – Legião de Aventureiras, Aventureiras e Aventureiros Tenazes e Incansáveis pelas Narrativas ao Averso*, voltado principalmente para as crianças [que estreou em julho de 2021]; e *Acatacara: uma peça ao*



Divulgação

Frame do espetáculo “L.A.A.A.T.I.N.A”, de 2021, voltado para crianças.

avesso [lançada em agosto de 2021], que tem o Telegram [aplicativo de mensagens instantâneas] como base, com um grupo de 120 pessoas que se inscreveram – seis dias e seis noites numa experiência de total compartilhamento com o público para construção de um país latino-americano fictício. No caso de *Acatacara*, a gente construiu uma Constituição, uma bandeira, um hino, e expulsou os colonizadores. No *CLÃ_DESTIN@*, o público era chamado de viajante; no *L.A.A.A.T.I.N.A.*, eram aventureiros(as/es); e em *Acatacara*, o próprio público acabou criando um neologismo chamado *cidadanhes*, que tanto está no gênero neutro quanto é latino-americano e brasileiro. No fim de 2021, a gente também fez uma experiência híbrida chamada *As Teias Abertas da América Latina*, junto ao Teatro del Embuste (Colômbia), com a participação dos grupos Teatro de Los Andes (Bolívia), Malayerba (Equador) e Yuyachkani (Peru). São quatro atos em que cada um discute questões diferentes [*escravidão, heróis e heroínas nacionais, povos originários e o lugar da mulher na história e no continente latino-americanos*].

MIRADA POTENTE

Fizemos um laboratório durante quatro dias, com pessoas de dez cidades e quatro países. A gente conseguiu criar junto, trocar, dialogar, estabelecer um grau de afeto (de carinho e também no sentido de afetar mesmo), de como um trabalho pode ressoar no outro. Foi um lugar muito potente de encontros. Um pequeno laboratório para essas relações, inclusive.

E potencializou muito a experiência ter acontecido dentro do Mirada, ganhou outra força. É um dos principais festivais do Brasil e, quando a gente está dentro desse contexto, abre com outro espectro de possibilidades de diálogo, para outros lugares. A própria ideia da “ocupação” já tem um pouco disso, de como as ações podem gerar desdobramentos. Várias das dez intervenções que contribuimos na criação eram continuidade de intervenções, e outras começaram ali e vão continuar. Acho fundamental pensar nessas ações que ultrapassem a exibição de espetáculos, e talvez essa seja a célula-base do que a gente faz. Pensar nessa mescla de ações é superimportante.

PROJETAR FUTUROS

Nosso maior desafio, olhando para a frente, é saber quando é que a gente vai conseguir estabelecer essa relação próxima com o público que a gente já teve nas experiências online – quebrando a hierarquia do artista como esse ser supremo, que está num lugar especial e não se mistura. Temos um projeto para 2022 que é uma espécie de desmontagem. Queremos fazer um apanhado da nossa produção, da produção teatral no Brasil como um todo e do que aconteceu no país e no mundo neste tempo, para apontar caminhos para o pós-pandemia. A gente está direcionando a energia muito para isso agora.

Assista ao vídeo deste

[Encontros com Fernando Yamamoto](#)



Cena do espetáculo “As Teias Abertas da América Latina”, resultado de uma experiência híbrida (presencial e online) do grupo Clowns de Shakespeare com o Teatro del Embuste (Colômbia), e a participação dos grupos Teatro de Los Andes (Bolívia), Malayerba (Equador) e Yuyachkani (Peru).

Singularidades na Dança

SÁBADOS, 23H

Olhando para
as Estrelas

Na Dança! Doc

Marambiré

Danças
Negras

EM FEVEREIRO, QUATRO
DOCUMENTÁRIOS DESTACAM
AS VÁRIAS FORMAS DA
DANÇA NO BRASIL

Sesc tv

sesc.tv.org.br/singularidades

     /sesc.tv



Konstantin Goldenberg

Lazer na agenda

DEDICAR TEMPO, ENERGIA E DISCIPLINA À PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS, RECREATIVAS E OUTRAS AÇÕES NO TEMPO LIVRE SÃO ESSENCIAIS PARA A SAÚDE E O BEM-ESTAR

“Trabalho é coisa séria”. Assim, fomos educados a assumir um compromisso com a atividade laboral. Cumprimos prazos e metas durante um determinado número de horas por dia e, muitas vezes, aos fins de semana ou fora do expediente. No entanto, este mesmo comprometimento e foco não são aplicados ao tempo livre: um momento essencial à saúde física, mental e social [leia matéria Rotina em movimento, publicada na Revista E nº 303, de janeiro de 2022]. Por isso, pesquisadores do Brasil e de fora vêm reforçando, principalmente nesses últimos dois anos de pandemia, a importância de uma prática sistemática de atividades de lazer. Vale caminhar no parque, andar de bicicleta, aprender a tocar um instrumento musical, dançar ou fortalecer vínculos sociais só que de maneira periódica. O conceito de *serious leisure*, ou “lazer sério”, criado pelo sociólogo canadense Robert Stebbins, é um dos objetos de estudo da pesquisadora brasileira Carolin Lusby, professora da faculdade de turismo na *Florida International University*, em Miami, nos Estados Unidos, que neste *Depoimento* fala sobre a importância de ampliarmos nossa compreensão do lazer e de seus benefícios individuais e coletivos.

PSICOLOGIA POSITIVA

Estudos na área da psicologia positiva nos mostram que nossa felicidade não depende só de nossa genética e das circunstâncias da vida de cada um, mas também de como a gente age e pensa no dia a dia. Analisando o papel das práticas de lazer e físicas, elas fazem parte do que determina nossa felicidade e nossa saúde mental/emocional. Por exemplo: pesquisas mostram que um dos aspectos mais importantes para nossa felicidade é se conectar com outras pessoas, ou seja, manter um círculo de amizades. Assim, as atividades físicas e de lazer nos permitem criar essas conexões com outros, seja em nossa cidade ou fora dela, e tornando a vida mais compartilhada e gerando benefícios à nossa saúde mental. A atividade física é um veículo para nos conectarmos com outras pessoas. Falando da saúde emocional, essas atividades também nos ajudam a ser mais saudáveis, melhorando a nossa qualidade de vida.

OUTRAS FERRAMENTAS

Algumas das ferramentas para o bem-estar e emocional são: fazer coisas que são divertidas como

dançar, rir, cantar e conectar com pessoas; e deixar sair emoções negativas como raiva, ódio, vingança e medo. Entre atividades físicas que nos ajudam muito a fazer isso está o correr (e gritar, se precisar), liberando aquilo que estamos precisando colocar para fora. Quando participamos de atividades desafiadoras, nós não só ficamos no momento presente, mas também precisamos usar os nossos talentos e habilidades, o que nos permite ficar em um estado mental chamado *flow*, que faz muito bem para a nossa saúde emocional e mental, fazendo você aprimorar o que tem de melhor. Praticar todos os dias essas ações nos ajuda a nos conectarmos e ficarmos mais felizes. Além disso, fazer cinco minutos de meditação, escrever três coisas pelas quais você agradece na sua vida e fazer um ato altruístico para outra pessoa. Participar da vida compartilhada na cidade e fazer atividades físicas também é muito importante para a nossa qualidade de vida, nossa resiliência e felicidade. A conexão com a cidade faz bem para o nosso bem-estar e o bem-estar da cidade.



CRIAR VÍNCULOS

A vida compartilhada na cidade nos ajuda a combater o sentimento de solidão. Sem atividades compartilhadas, vemos quadros de depressão ou *burnout*. Estudos mostram que atualmente há mais pessoas morando sozinhas e se sentindo muito solitárias, e este é um sentimento negativo que influencia nossa saúde mental e física. Sentir-se parte de uma comunidade e participar de atividades em conjunto nos ajudam a lidar com esses sentimentos negativos de isolamento. Muitas pesquisas ainda mostram a importância da resiliência em tempos de pandemia e de muitas mudanças. A resiliência pode ser definida pela forma como reagimos ao estresse. Ela é a capacidade com que reagimos depois de uma situação adversa. A resiliência nos mostra a capacidade de se restaurar depois de uma crise. Ela é muito importante para a vida e nos ajuda a continuar mesmo com obstáculos. O exercício físico é ótimo para aumentar esse processo. O estado de bem-estar também promove mais resiliência ao nos permitir ver outras possibilidades à frente.

MODELO PERMA

Na psicologia, fala-se de um modelo chamado “PERMA” criado por Martin Seligman (o fundador da psicologia positiva), que aponta esse modelo como ferramenta para o desenvolvimento da resiliência. O “PERMA” é uma abreviação das seguintes palavras na língua inglesa:

P – *Positive emotions* (que significa emoções positivas): nós podemos gerar essas emoções fazendo coisas que nos trazem prazer, como participar de atividades físicas e de lazer. Quando nos sentimos melhor, pensamos no futuro com mais esperança, enxergamos mais oportunidades e nos sentimos mais confortáveis para tomar decisões.

E – *Engagement* (fazer algo que nos deixa tão presentes no momento que nos esquecemos do tempo passado ou futuro): esse estado se chama *flow* e há atividades físicas que são ótimas para estimulá-lo.

R – *Relationships* (relacionamentos que nos fazem sentir bem): conexões positivas com outras pessoas nos ajudam no sentimento de inclusão, acolhimento, compreensão. Relações que fazem bem para nosso bem-estar, assim como participar de atividades com outros.

M – *Meaning* (achar propósitos da vida): ter um propósito de vida ajuda você a se sentir mais satisfeito

consigo. Pode ser pelo caminho da espiritualidade, realizar um trabalho voluntário ou participar de um grupo de trabalho voltado para algum objetivo em comum. Muita gente consegue achar esse propósito por meio de atividades de lazer, em práticas físicas em grupo, na igreja, num centro de lazer, entre outros espaços.

A – *Accomplishments* (realização de algo): participando de um jogo, aprendendo um novo esporte, conquistando algo no trabalho, ou mesmo aprendendo a cozinhar uma nova receita são exemplos de realizações que nos fazem sentir bem. As atividades físicas e de lazer nos ajudam a achar esse sentido de realização.

PRÁTICAS EM DIA

O conceito de *serious leisure* (lazer levado a sério) foi criado por Robert Stebbins e ele acontece quando nós estamos tão envolvidos e interessados em uma atividade de lazer que a participação nessa atividade é quase uma “profissão” no sentido que nós investimos energia e tempo na atividade. Como resultado, ganhamos novas habilidades. Stebbins chama isso de *amador* ou *hobbyist*, que seria uma pessoa que tem as mesmas competências e passa muito tempo nessa atividade sem ser pago para fazê-las. Pense em um ciclista: essa pessoa pedala todos os dias ou quase todos os dias, tem equipamentos especializados e tem um grupo de amigos que seguem a mesma atividade. Essa prática se torna um estilo de vida para esse ciclista. Ainda segundo Stebbins, o conceito de *serious leisure* traz inúmeros benefícios: estimula a criatividade, promove o sentimento de pertencimento de grupo, incentiva a auto expressão, cria sentidos para a vida e promove o sentimento de auto realização. Muitas pesquisas sobre esse conceito nos mostraram que o

lazer levado a sério é importante para a nossa vida e nosso bem-estar. Por exemplo, o lazer levado a sério nos ajuda a viver o modelo “PERMA”, uma vez que este fomenta relacionamentos positivos e a realização de habilidades em atividades que promovem um propósito e nos fazem sentir bem. ■

*Até 13 de fevereiro, o Sesc São Paulo realiza a 27ª edição do Sesc Verão, que neste ano traz como mensagem central: *Lazer levado a sério*. Confira a programação com atividades online e presenciais: www.sescsp.org.br/sescverao.

O LAZER LEVADO
A SÉRIO FOMENTA
RELACIONAMENTOS
POSITIVOS E A REALIZAÇÃO
DE HABILIDADES EM
ATIVIDADES QUE
PROMOVEM UM
PROPÓSITO E NOS
FAZENDO SENTIR BEM

sesc Verão 2022

LAZER LEVADO A SÉRIO

A importância do lazer na vida cotidiana e no desenvolvimento da saúde física e mental dos indivíduos e da sociedade.

Aulas abertas, recreações, torneios e jogos que oferecem de maneira democrática, acessível e segura, experiências e vivências esportivas para todas as pessoas.

Atividades presenciais gratuitas em todas as unidades do Sesc e conteúdos on-line.

**ACOMPANHE
A PROGRAMAÇÃO:**

[SESCSP.ORG.BR/SESCVERAO](https://sescsp.org.br/sescverao)



Ramalheira

De tempos em tempos eu sou uma árvore. Há o perigo de estar com minha filha no colo e o braço torna-se um galho retorcido e alto que avança pela janela, frutos que me despençam da pele que engrossa depressa em cascos trepidantes de colônias de formigas que me passeiam em fila, a cabeça dói de repente muitíssimo, folheia-se larga e verde para além do teto, não caibo no quarto e a copa se curva a coluna enverga e as pernas se trançam em raízes gigantes, e então me flagram assim súbita figueira doméstica, e a seiva me escorre quente e densa. Grito por sol, qualquer sol que seja uma lâmpada fosforescente um abajur, e fico aqui troncuda e secular espantando o intruso com os galhos revoltos.

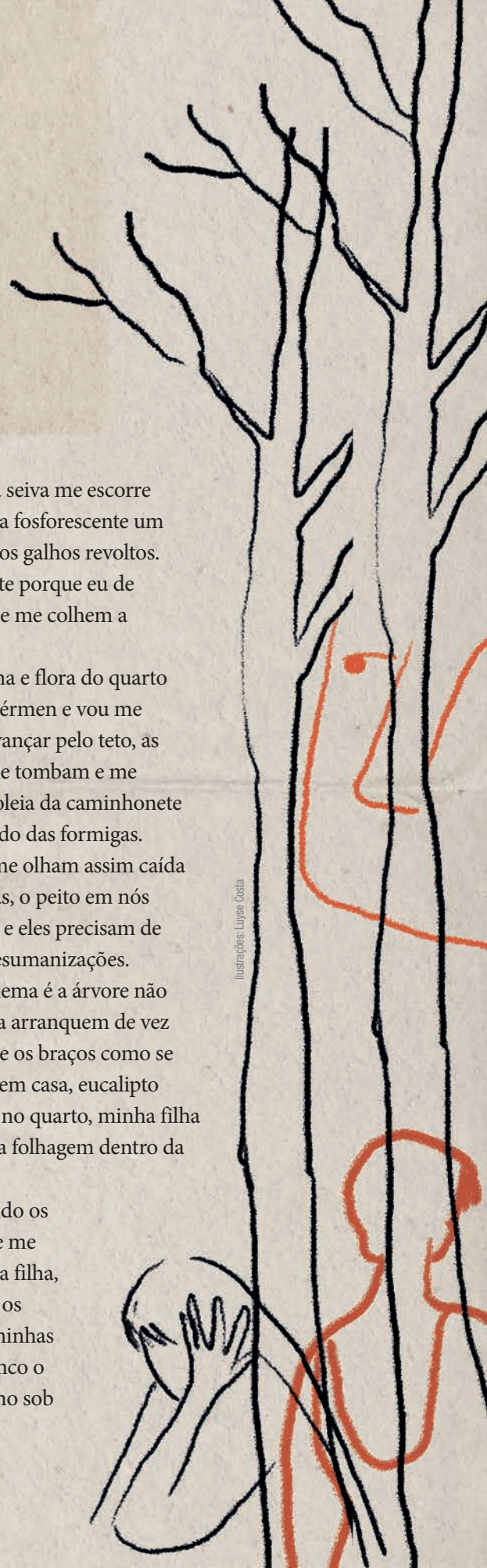
Não me deixam portanto segurar minha filha, nem um instante porque eu de repente árvore a despencá-la minúsculo fruto, por isso eles vêm e me colhem a menina, não vá essa mãe arvorar-se dela.

Espio a menina no berço, música amena, tudo em ordem, fauna e flora do quarto contidas, não posso compreender a maldição nem adivinhar o germen e vou me armando repentina planta e acontece de me notarem antes de avançar pelo teto, as raízes ainda fracas os braços resistindo caulescentes enquanto me tombam e me arrastam na folharia que me desprega dos cabelos, atam-me à boleia da caminhonete onde continuo a engrossar e espessar seca, as ranhuras queimando das formigas.

Eles se apressam e nas ruas as outras árvores resplandecem e me olham assim caída aberração das fêmeas todas, as entranhas se encaracolam fibrosas, o peito em nós lenhosos, e se no caminho chove me torno escorregadia de limo e eles precisam de muitos médicos para conter-me, o hospital tão experiente em desumanizações.

Tentam tratar a mulher e não a árvore, e eu insisto que o problema é a árvore não me entendem eu digo a louca é a árvore que me toma e não larga arranquem de vez as sementes mas não arrancam, remédios, injeções, amarram-me os braços como se assim não florescessem e eletrizam-me os dutos e me devolvem em casa, eucalipto venenoso impossibilitando o solo e a vida. Torno a esperar o sol no quarto, minha filha chora baixinho na porta ao lado, e me estico nos restos da minha folhagem dentro da minha sombra, e sou oca, a mais oca das mulheres.

Um dia me arborizo e floreio inteira e gigante e maciça e estendo os braços amadeirados e firmes e espero anos até que me confiem e me ajustem as cordas de um balanço e quem sabe ela venha, a minha filha, ainda menina e me veja assim frondosa e me escale num abraço os pés descalços na minha casca e se ajeite no farfalhar fresco das minhas folhas e se abandone contente no meu balanço, e eu sinta no tronco o esgar das cordas, o tremor das suas idas e vindas, o vento pequeno sob os meus galhos. A doçura da sua primeira gargalhada.



Qualquer coisa morta na cara

Bate com força as duas palmas no chão, o sinal para o cachorro bater também as suas patas em saltinhos extasiados e correr depois para o colo, ou quem sabe para cima da cabeça que o menino deita na grama com os olhos fechados esperando as lambidas minúsculas, o cachorro pequeno demais para alcançar o nariz deslizando pelo ombro as patas de trás enroscando na camiseta cambalhotas e o menino de novo bate com força as duas palmas no chão e o cachorro responde batendo as suas e vem depressa e o colo e a cabeça e o nariz.

O menino levanta e corre aos tropeços, o cachorro ao lado, são dois filhotes cambaleando ainda os primeiros passos, o menino pisando as plantas do jardim que para o cachorro é ainda uma floresta uma imensidão de galhos e sombras, e deitam os dois de novo, rolar e lamber o nariz,

o menino lambe de volta e ri e cospe mas volta a lamber a língua do cachorro que é tão pequeno que tenta entrar dentro da boca do menino que engasga e ri e volta a bater as duas palmas no chão, agora na pedra molhada da chuva antiga que ele espalma e o cachorro bate as duas patas da frente no chão e torna a pular e cabeça e nariz e cambalhotas.

Correm juntos até a beira da piscina e o menino levanta o cachorro por cima da água, olha você aqui olha esse é você, e o sol faz uma sombra bonita na água as patinhas nadando no ar e o cachorro olhando só o menino, sem ver o reflexo nem a sombra nem a água, nadando no ar e querendo alcançar o narizinho para outra lambida perguntando com as orelhas cadê as palmas na pedra e cabeça e cambalhota.





Ilustrações: Luíse Costa

O menino apoia o cachorro no chão e ele pede colo de novo, menino com os joelhos na beira da piscina, a pedra áspera, o cachorro se deixa erguer de novo por sobre a água, a sombra dos pelos mexendo no vento, olha você aqui olha esse é você, e os olhinhos do cachorro nos olhos do menino que sorri e não entende muito bem o que acontece não sabe se são os braços esticados que cansam e doem ou se é uma curiosidade de filhote que ele também é, não entende mas abre as mãos e solta o cachorro que desce fundo na água e não era isso que o menino esperava, achava que ele ia boiar e nadar mas o cachorro com as suas cambalhotas e bolhas no fundo da piscina e o menino olha em volta e confere, ninguém espia, e na verdade alguém devia estar ali e nunca está, nem nas janelas, ninguém nunca olha, que raiva que dá das pessoas todas, o cachorro enfim emerge em ganidos baixos engasgados golfadas de ar enrolando na linguinha que tenta alcançar o nariz do menino agora muito longe, afastado da beira da piscina, talvez se ele se debruçasse alcançaria o filhote mas a essa altura

com esses barulhos e depois desse sofrimento o que seria esse cachorro, o que pensaria do menino, talvez não lambesse mais, quem sabe mordesse, ou tivesse pra sempre qualquer coisa morta na cara, o cachorro cada vez mais longe da borda, as patas embaralhadas exaustas o pelo pesado de cloro, o menino olhando apavorado, esse ainda é você será já não sei, perigoso alguém ouvir esse choro encharcado, e o menino corre para dentro da casa e se abaixa sob a janela e espera, espera muito tempo até que já não ouça nada, e contêm os sons do próprio choro, o olho fechado, talvez planejando a mentira, ou esperando a lambida, ou apagando a imagem, olha você aqui esse é você, investiga de longe a piscina que ainda reverbera em ondas lentas, talvez seja só o vento, o menino respira mais devagar e espera a noite quando talvez alguém estranhe e todos aflitos procurem juntos o filhote e seja o menino mesmo quem o encontre duro e cheio de água, olha você aqui, e espantado subirá finalmente no colo da mãe e os dias vão passando, qualquer coisa morta na cara. ■

MARIANA SALOMÃO CARRARA é escritora, autora de *Fadas e copos no canto da casa* (Quintal Edições, 2017), *Se Deus Me Chamar Não Vou* (Editora Nós, 2019), que ficou entre os 10 finalistas na categoria Romance Literário do Prêmio Jabuti de 2020, e do recém-lançado romance *É sempre a hora da nossa morte amém* (Editora Nós, 2021).



Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM FAZER A CREDENCIAL PLENA DO SESC E TER ACESSO A MUITOS BENEFÍCIOS.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS:

- Funcionários empregados e desempregados:**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 No caso de desempregados, é considerado o prazo de 24 meses da baixa da Carteira Profissional, para fazer e utilizar a Credencial Plena.
- Estagiários:**
 Termo de compromisso ou carteira de trabalho, em que conste o número do CNPJ da empresa
 Declaração de matrícula com situação acadêmica
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 A validade da Credencial corresponde ao período de vigência do contrato de estágio, não ultrapassando dois anos, cessando o direito à renovação após a rescisão.
- Temporários:**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Empregado com contrato suspenso temporariamente**
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Termo de acordo de Suspensão do Contrato de Trabalho
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Aposentados:**
 É o empregado que se aposentou quando trabalhava com registro em carteira profissional, em empresa do comércio de bens, serviços e turismo.
 Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)
 Carta de Concessão da aposentadoria ou Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS)
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
- Titular falecido:**
 O dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer a Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverá apresentar também a certidão de óbito.
- Dependentes:**
 O titular (trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo), pode incluir seus dependentes. Assim, a família também pode usar o Sesc! Veja a lista abaixo de dependentes:
- Filhos, enteados, irmãos, netos e tutelados (até 20 anos):**
 Certidão de nascimento ou documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo

- Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela
- Filhos, enteados, irmãos, netos e tutelados (entre 21 e 24 anos):**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA)
 - Cônjuge:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Certidão de casamento civil ou religioso; declaração de união estável lavrada em cartório ou declaração de união estável de próprio punho, neste caso, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos, além disso, em caso de credenciamento presencial nas unidades, é indispensável a presença do casal no ato do credenciamento.
 - Pais e padrastos do titular:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular
 - Avós:**
 Documento de identidade
 CPF
 Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo
 Documento que comprove o parentesco com o titular

A EMISSÃO DA CREDENCIAL PLENA É GRATUITA E VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O BRASIL

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para atendimento presencial em uma de nossas Unidades, é necessário agendar horário na Central de Atendimento. A entrada nas Unidades do Sesc é realizada mediante apresentação de comprovante de vacina contra Covid-19.

PARA FAZER PELA PRIMEIRA VEZ A CREDENCIAL PLENA OU INCLUIR DEPENDENTES:

É necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento. Faça o agendamento pelo aplicativo Credencial Sesc SP ou site centralrelacionamento.sescsp.org.br, será necessário criar login e senha e utilizar a opção AGENDAMENTO > CENTRAL DE ATENDIMENTO disponível no menu de serviços, compareça no dia e horário marcado com a documentação necessária.

PARA RENOVAR A CREDENCIAL PLENA

Agora é possível fazer a renovação da Credencial Plena de maneira online, acesse o aplicativo Credencial Sesc SP ou site centralrelacionamento.sescsp.org.br para mais informações. Se preferir ir presencialmente em uma de nossas Unidades realizar este serviço, acesse a opção AGENDAMENTO > CENTRAL DE ATENDIMENTO no aplicativo Credencial Sesc SP ou no site, compareça no dia e horário marcado com a documentação necessária.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aginaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Viciente Amato Sobrinho

CONSELHO EDITORIAL

Revista E

Adauto Perin, Adenor Serrano Domiense, Adriana Cruz Macedo, Alberto Seiji Fukasawa, Ana Carolina Garcez de Castro, Ana Lúcia de la Veja, Ana Paula Fraay, Andre Augusto Dias, Andre de Araujo Silva, Andrea de Oliveira Rodrigues, Andreia do Vale Rufato, Angela Tereza Belei, Beatriz de Oliveira Falasco Zerbini, Camila Freitas Curaca, Camila Santos Medeiros, Carina Zacarias Barros, Carlos Daniel Dereste, Cherry Mendes Virote, Cinthya de Rezende Martins, Daniel Tonus, Danny Abensur, Debora Ramos Ribeiro, Diego Ferreira Valladares Soares, Diego Polezel Zebele, Eloá de Paula Cipriano, Emerson Pirola, Emily Fonseca de Souza, Estevão Denis Silveira, Fabia Lopez Uccelli dos Santos, Flavia Lopes Marques, Flavia Rejane Prando, Gabriela Xabay Gimenes, Gislene Lopes Oliveira, Ivanildo Rodrigues Da Hora, Jaderson Johnattan Porto, Jair de Souza Moreira Júnior, José Gonçalves da Silva Junior, José Mauricio Rodrigues Lima, Katia Rizzo Thomaz, Layana Peres de Castro, Leandro Aparecido Pereira, Leticia Veras, Lívia Maria Brihi Badur, Luciana Tavares Dias, Marcel Antonio Verrumo, Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Natalie Ferraz Kaminski, Nathalia Quarz Magalhaes, Nikson Renovato Dias, Odair Freire dos Santos, Poliana de Moura Queiroz, Rafael Fernandes Cação, Rafael Lima Peixoto, Renan Cantuário Pereira, Renan Cesar de Abreu, Renata Barros da Silva, Renato José Pereira, Ricardo Jose de Carvalho Tifona, Rosimeire Vanderlisa Coelho, Sergio Luis Venitt de Oliveira, Silvia Cristina Garcia, Tais Haydee Pedrosa, Thais Cristina Kruse, Tommy Ferrari Della Pietra, Vanessa Mendes Rosado

Coordenação Geral:

Ivan Paulo Giannini
Editora executiva: Adriana Reis Paulics • **Direção de Arte e diagramação:** Ariane Ramos de Azevedo • **Ilustrações:** Luíse Costa • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics e Maria Julia Lledo • **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Luna D'Alama e Maria Julia Lledo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics e Marina Pereira • **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro • **Arte de Anúncios:** José Gonçalves Júnior e Nilton Andrade Bergamini • **Supervisão Gráfica:** Rogério Ianelli • **Finalização:** Ariane Ramos de Azevedo • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Adriana Reis Paulics MTB 37.488
 A **Revista E** é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

TEMPO DE APRENDER

É comum fazermos planos a cada início de ano e, entre eles, muitas vezes está a meta de adquirir novos conhecimentos, aperfeiçoar os já existentes, iniciar um curso de desenvolvimento pessoal ou profissional. Para colocar esses objetivos em prática, selecionamos cinco cursos livres de curta, média e longa duração que têm início neste mês – em formato online, presencial ou híbrido – na capital paulista. São opções de arte e ecologia no MAM (Museu de Arte

Moderna de São Paulo), de formação de escritores na Casa das Rosas, de cinema no MIS (Museu da Imagem e do Som), curso sobre modernismos nordestinos no Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc, neste ano que celebra o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, além de um curso de preparação de áudio e gravação na plataforma EAD do Sesc Digital. Que 2022 seja de novos aprendizados!



Karina Bacchi

A professora e filósofa Cristine Takuá dará o curso "Saberes da Floresta", voltado para educadores.

Criança e natureza

O Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) realizará dia 3/02 o encontro virtual *Saberes da Floresta* com a educadora indígena, filósofa e artesã Cristine Takuá, que dá aulas em uma escola estadual da Terra Indígena Ribeirão Silveira, na divisa entre Bertioga e São Sebastião. Nessa atividade online, destinada a professores(as), educadores(as), estudantes e artistas, serão abordados conhecimentos sobre as múltiplas realidades dos povos originários no Brasil e como é a relação das crianças com a natureza nessas comunidades. Inscrições limitadas. Mais informações: mam.org.br.

Técnicas básicas de áudio e gravação

Disponível na plataforma de Educação a Distância (EAD) do Sesc Digital, este curso gratuito é voltado para quem tem interesse em trabalhar com música, cinema ou mesmo podcasts e redes sociais. Ministradas pelo professor Renato Coppoli, as aulas uma iniciação a este universo no qual o engenheiro de som que já trabalhou com artistas e grupos como Mutantes, Titãs e Jorge Ben Jor, ensinará temas como gravação analógica versus digital, microfones, processadores de sinal, mixagem e masterização, entre outros tópicos. Ao longo de seis videoaulas (cada uma com 11 a 21 minutos), Coppoli também dá dicas, sugestões de bibliografia, além de contextualizar os assuntos com história. Os participantes também terão acesso a textos. Acesse: ead.sesc.digital/cursos/course-v1:sescsaopaulo+c007+2021_audiogravacao/sobre.



Divulgação

Curso Livre de Preparação de Escritores

Para quem é apaixonado por literatura, pretende exercitar seu potencial criativo por meio da escrita ou até realizar o sonho de publicar um livro, a Casa das Rosas realiza a partir do dia 5 de março o Curso Livre de Preparação de Escritores (CLIFE) a autores iniciantes: nas versões Jovem (de 14 a 18 anos) e Adulto (acima de 18 anos). Para a categoria Jovem o curso é semestral, com duração de quatro meses, e para a categoria Adulto, anual, realizado ao longo de oito meses. Estão disponíveis 30 vagas aos adolescentes e 80 aos adultos, sendo divididas entre prosa (40) e poesia (40). Os interessados precisam enviar uma amostra de seus trabalhos com até cinco páginas. As inscrições vão até dia 5 deste mês e os selecionados serão divulgados até dia 25/02. Saiba mais: <http://www.casadasrosas.org.br/centro-de-apoio-ao-escritor/clipe>.

Modernismos nordestinos

Para além da Semana de Arte Moderna de 1922, que completa cem anos entre os dias 11 e 18 deste mês, o modernismo ecoou na cena cultural do Nordeste ao longo do século 20. Para falar sobre esse movimento, o Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc realiza o ciclo de seis encontros *Diversos 22: Modernismos nordestinos* a partir de 9/02. Para ministrar os encontros participam: ensaístas, críticos(as), historiadores(as) e autores(as) de diferentes linguagens artísticas que irão fazer uma análise desse período na prosa, na poesia, na música, no teatro e no audiovisual. Serão discutidas não apenas as singularidades regionais, como também leituras contemporâneas dos modernismos nordestinos. Informações e inscrições: centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br.



Divulgação

"O garoto" (1921), de Charles Chaplin.

Cinema em foco

A partir de 1º de fevereiro, o Museu da Imagem e do Som (MIS) reúne várias opções de cursos nas áreas de artes visuais, música e audiovisual. Para os fãs da sétima arte são cinco alternativas que vão de roteiro para iniciantes até história do cinema. Há cursos de menor duração que terminam ainda em fevereiro e outros com dois módulos e que se estendem até março. As aulas serão realizadas em formato híbrido (online e presencial). Para o mês de março, já estão previstas uma turma de roteiro e outra de direção focada em filmes de ficção. Confira: www.mis-sp.org.br/cursos.

Que saúde é essa?

Quando ingressei no Sesc, no final dos anos 1990, com poucos anos de formação em Odontologia, a curiosidade em entender a relação das ações desenvolvidas pela instituição com a saúde me motivou a continuar estudando e, ao longo do tempo, encontrar possíveis respostas para esse questionamento. Em diferentes momentos, eu me fazia as perguntas: “Por que um centro de lazer e cultura disponibiliza na sua estrutura uma clínica odontológica, além de oferecer em sua programação ações para a promoção da saúde e o bem-estar? De que forma as políticas institucionais do Sesc constroem essa relação entre saúde e cultura?”

Neste percurso, alguns sentidos foram sendo construídos e a percepção da importância das ações culturais para a promoção da saúde foi se tornando cada vez mais evidente. A partir destas inquietações, fui me deslocando, me guiando por um caminho baseado em um conceito ampliado de saúde, que ultrapassa aquele pautado na ausência de doença que por sua vez é baseado no modelo biomédico e *curativista*.

Nas práticas vividas no Sesc e em minha formação, cada vez mais, fui valorizando os determinantes socioculturais, as relações humanas e os modos de vida como processos constitutivos da saúde, com a lógica de um processo em construção, de produção permanente. Procurei colocar em prática ou estimular a realização de atividades que inspirassem as pessoas a produzir saúde como um processo vivo, indissociável das nossas relações e das nossas ações no mundo.

Há dois anos recebi o desafio de realizar uma pesquisa que estudasse o significado do trabalho da instituição na saúde. Partindo da hipótese de que a produção cultural vem participando das múltiplas estratégias de produção de saúde, de que Saúde e Cultura são bens materiais e imateriais, que só existem quando são compartilhados e se produzem a partir dos encontros com outros corpos – como já nos ensinava Spinoza – seguimos neste caminho para tentar entender a abrangência do trabalho realizado pelo Sesc.

Com o surgimento da pandemia, a proposta de estudo passou por adaptações temáticas e metodológicas para que pudéssemos responder aos desafios desse complexo cenário sócio sanitário e ao novo contexto de trabalho que vivenciamos. Como consequência, incorporamos a cultura digital ao centro das nossas preocupações sobre produção de saúde e as ferramentas virtuais passaram a ser nossos principais dispositivos para a produção de dados.

E assim, consolidou-se a pesquisa *A reinvenção da vida e da saúde em tempos de pandemia – o lugar da cultura*, construída em parceria com o Departamento de Medicina Preventiva da USP e com muitos parceiros e parceiras do próprio Sesc São Paulo, além de artistas colaboradores.

Hoje, percebo o quanto a própria experiência de construir e assimilar este conceito ampliado de saúde fortaleceu minha posição e meu desejo de afirmar que cultura não é somente um *valor* importante para a saúde, mas uma *substância* que compõe todo o processo de sua produção cotidiana, mesmo em um momento em que estejamos privados das possibilidades plenas de convivência, mediada pelas trocas de saberes e práticas.

Enfim, esperamos demonstrar que as experiências e práticas culturais e convivias, tão caras para o Sesc e para a produção do bem-estar de todos nós, são uma oportunidade de acesso à diversidade de ações/experiências de lazer, esporte e cultura. E são igualmente o acesso a espaços de produção de saúde ou a experiências que produzem modos de viver comprometidos com a ampliação da saúde individual e coletiva de todos nós.

Essa saúde que estamos tratando aqui não pode ser única, estática e absoluta. Ela é diversa, plural e dinâmica. ■

JAIR DE SOUZA MOREIRA JÚNIOR é graduado em Odontologia, mestre e doutor em Ciências Odontológicas e pós-graduado (MBA) em Gestão Estratégica de Pessoas (Desenvolvimento Humano de Gestores). É pesquisador do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo.





OJU

**RODA SESC
DE CINEMAS NEGROS**

20 DE JAN A 19 DE FEV • 2022

A Mostra OJU: Roda Sesc de Cinemas Negros traz exibições de curtas e longas-metragens, debates, cursos e oficinas para ressaltar a produção audiovisual negra, destacando a importância do fazer coletivo e respeitando a singularidade das diferentes protagonistas negras e negros e suas formas de contar histórias.

**Saiba mais em:
sescsp.org.br/cinemasnegros**

Sesc

